



Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto

## Coleção Identidades Culturais



Funcionária operando uma máquina na fábrica Ribeirão Preto, sem data. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Ribeirão Preto.

Henrique Telles Vichnewski

Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto - 2010

# Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto

Prefeita Municipal  
Dárcy Vera

Secretária da Cultura  
Adriana Silva

Presidente da Fundação Instituto do Livro  
Edwaldo Arantes

Diretora de Patrimônio Cultural  
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Conselho Editorial  
Adriana Silva  
Cristiane Framartino Bezerra  
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa  
Michele Cartolano de Castro Silva  
Tânia Cristina Registro

Revisão  
Cristiane Framartino Bezerra

I195 - Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto/Henrique Telles Vichnewski  
(pesquisa e texto) – Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.  
100 pg.; (Coleção Identidades Culturais, n.2)  
ISBN

1. História de Ribeirão Preto – 2. Indústria Matarazzo. –  
3. Patrimônio Cultural Industrial.

CDD: 981.612rbp

Capa - foto dos azuleijos da fábrica  
Matarazzo de Ribeirão Preto  
Amigos da Fotografia

### Sobre o pesquisador

HENRIQUE TELLES VICHNEWSKI Arquiteto e Urbanista e Mestre em História na área de Memória e Cidade pela UNICAMP. É professor dos cursos de graduação e pós-graduação (Lato-Sensu) em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Barão de Mauá. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo no Brasil e Teoria do Restauro, atuando principalmente nos seguintes temas: restauro arquitetônico e preservação do patrimônio industrial. É sócio- undador da ONG VIVACIDADE e integrante do grupo de trabalho para a preservação do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto desde 1999. É conselheiro do CONPPAC/RP (Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do município de Ribeirão Preto) e Membro fundador do Comitê Brasileiro para a Preservação do Patrimônio Industrial (TICCIH-BRASIL) - <http://www.patrimonioindustrial.org.br/>

# Sumário

Apresentação

Introdução

Capítulo 01 – O Patrimônio Industrial

Capítulo 02 – Café, Indústria e Algodão

Capítulo 03 – As Indústrias Matarazzo no Estado de São Paulo

Capítulo 04 – A Cultura do Algodão no Estado de São Paulo

Capítulo 05 – Indústrias Matarazzo de Ribeirão Preto: Morfologia  
Urbana e Arquitetura

Fabril

Referencias Bibliográficas

# indústria

Um olhar sobre a cidade e fica fácil perceber quantos espaços, hoje vazios, poderiam ser o lugar da memória. Entre eles, as ruínas da antiga fábrica de tecido Matarazzo/Cianê, um bem cultural que transita entre o patrimônio material e imaterial.

Material quando exhibe uma edificação característica de uma época que mostra a força de trabalho, a influência da imigração e o fim de um marco econômico como foi, no caso de Ribeirão Preto, a produção do café. Imaterial quando revela um tempo, um estilo de vida, uma rotina operária que ao se estabelecer influencia toda uma comunidade.

Desde que foi criada, a Coleção Identidades Culturais pautou que sua segunda edição seria sobre as indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto. Primeiro pela importância deste lugar no processo da industrialização nacional, depois pela necessidade de convidar a todos a pensar sobre o imóvel como uma referência cultural do município.

A expectativa é de que este livro ilustre uma proposta legitimada pela população ribeirão-pretana que é a de restaurar o prédio e ocupá-lo culturalmente.

A cidade merece.

Adriana Silva  
Secretária da Cultura

## Introdução

... meu retrato de uma grande cidade... qualquer cidade.

Vistas de longe, as grandes cidades são um acúmulo de grandes edifícios, grandes populações e grandes áreas. Para mim, isso não é real. O real é a cidade tal como ela é vista por seus habitantes. O verdadeiro retrato está nas frestas do chão e em torno dos menores pedaços da arquitetura, onde se faz a vida do dia-a-dia.

Will Eisner (2009)



O presente livro é fruto de parte da pesquisa desenvolvida no mestrado sobre arqueologia industrial, Patrimônio industrial e sobre as indústrias Matarazzo<sup>1</sup>. Entre as indústrias pesquisadas, encontram-se as duas unidades instaladas em Ribeirão Preto, uma no centro da cidade e a outra no bairro Campos Elíseos. É importante ressaltar que o fortalecimento dessa investigação sobre as indústrias Matarazzo de Ribeirão Preto ocorreu simultaneamente aos trabalhos de resgate e preservação do patrimônio histórico e cultural desse município, realizado pela ONG Viva-cidade, desde 1999. Não se tem aqui o intuito de apresentar um rigoroso ensaio científico, mas despertar em nossas sensibilidades alguns elementos para avivar e ativar sentimentos urgentes de identidade e memória da história de nossa indústria, do trabalho fabril e dos sujeitos ativos dela.

Como escreve a arquiteta Marisa Barda (2009, p. 139) embasada no texto de Secchi:

A fábrica foi, por pelo menos dois séculos, o principal lugar de socialização de grande parte da população urbana, de construção de estilos de vida e comportamentos comuns. A vida da classe operária [...] desenvolvia-se em espaços públicos e abertos; a festa, o jogo, a excursão, a colônia de férias, a reunião política, o “passeio”. Nesse clima não só se construíram fortes laços de solidariedade, mas cada desejo e aspiração permeava homogeneamente toda uma parte, bem vasta, da sociedade.

---

1- Na dissertação de mestrado foram investigadas as principais indústrias Matarazzo que utilizavam como matéria-prima o algodão, instaladas no interior paulista entre 1920 a 1960. No total foram analisadas 24 indústrias que se dividem em três grupos: fábricas de beneficiamento do algodão, fábricas têxteis e fábricas de óleos vegetais, em 17 cidades do interior paulista, como Bauru, Avaré, Itapetininga, Ribeirão Preto, Bernardino de Campos, Presidente Prudente, Catanduva, Marília, São José do Rio Preto, Rancharia, São João da Boa Vista, Araçatuba, Presidente Venceslau, Votuporanga, Rio Claro, Campinas e São José dos Campos.

Por mais que sejamos marcados pela história do café, devemos encarar o urgente e necessário resgate da história fabril de Ribeirão Preto, pois, se sabe, em breve análise, que o grande vulto de ocupação e desenvolvimento dos bairros Ipiranga, Campos Elíseos e Vila Tibério foi resultado da instalação de fábricas como a Cerâmica São Luiz, a Fiação e Tecelagem Matarazzo/Cianê, as Cervejarias Paulista e Antártica, entre outras.

Essa pequena pesquisa arrisca-se em sair do espaço central urbano e secular e cruzar a porteira que divide a cidade, ir “além da linha”, rumo aos chamados arrabaldes, onde há ainda núcleos “vivos”, que não foram integralmente alvo das vigorosas pressões do mercado, que tudo destrói e arrasa e, dessa maneira, caracterizam-se como constituintes de configurações sócio-espaciais que trazem o peso latente da história e da identidade.

Creemos que esta publicação, como ponto de partida, possa somar-se a outras inúmeras iniciativas que inventariem esse valiosíssimo patrimônio cultural e possibilitem tecer uma trama de memória que enriqueça nosso presente. O momento é oportuno, pois a cidade de Ribeirão Preto tem preservado - ainda que de forma incipiente - parte significativa da materialidade do seu patrimônio industrial, como a Cervejaria Paulista, a Cervejaria Antártica e as Indústrias Matarazzo, como a Algodoeira e a Cianê. Nesse caminho, este livro também tem a função de balizar as ações preservacionistas desse patrimônio, atentando para o seu significado maior e para as diretrizes internacionais de intervenção.

## Capítulo 01 - O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

O patrimônio industrial compreende todos os bens materiais e imateriais da cultura industrial que possuem valor histórico, cultural, estético, tecnológico, social ou científico. Ele representa todos os vestígios relacionados à indústria, às oficinas, às fábricas, às minas e aos locais de processamento e de refinação, os entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, os meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, como maquinaria, arquivos documentais e iconográficos, os próprios objetos produzidos e os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação<sup>2</sup>.

---

2 - Essa definição parte das principais recomendações da Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial – Rússia, 2003. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH).

O conceito de monumento histórico, para a arqueologia industrial - método disciplinar que estuda o patrimônio industrial - difere da definição tradicional e já caduca<sup>3</sup> que identifica em um edifício somente valores estéticos ou históricos excepcionais. No âmbito da arqueologia industrial, "monumento" adquire uma nova dimensão. Ele "deve ser visto não só como 'repertório tecnológico' mas como momento central de uma série de relações com o ambiente físico e humano, que vem se transformando pelo desenvolvimento industrial" (COVINO, 1980:221). "A fábrica ou a mina não são unicamente edifícios ou construções técnicas, mas também centros de trabalho nos quais se manifestam as relações sociais de produção" (Cordeiro, 1987:65-66).

Logo, o estudo do patrimônio industrial refuta uma compreensão exclusiva do monumento enquanto edifício. A leitura de um monumento industrial não deve limitar-se somente aos seus aspectos particulares, tecnológicos e artísticos, excluída de uma complexa rede coordenadora que o define historicamente. Como qualquer outro objeto, este se apresenta por meio de uma série de leituras, de aspectos ou de linguagens, cada um deles estritamente ligado a todos os outros e indispensáveis para a obtenção de resultados esclarecedores de todo o espaço material no qual se desenvolveu uma sociedade industrial (COVINO, 1980:221).

Essa noção do monumento industrial foi explorada pelo arqueólogo Ulpiano Bezerra de Menezes (1988) que afirma que o fenômeno industrial foi "um dos principais responsáveis pela produção social do espaço em nossa sociedade". A materialidade da indústria deve ser encarada

---

3 - A concepção de monumento histórico, preservação e tombamento na atualidade, passa por um processo positivo de grande transformação. Mas ainda sofremos da pouca consciência e entendimento no que se refere ao valor de origem cultural que engloba todo o patrimônio de origem material e imaterial. A idéia de tombamento e preservação ainda persiste em limitar-se a bens tradicionais, excepcionais, belíssimos, quer dizer, àqueles representativos somente de arquitetura, fatos ou personalidades grandiosos e nobres. O conceito atual de reconhecimento do Patrimônio Cultural deve partir de uma categoria maior entendendo-o enquanto Paisagem Cultural, isto é, como um complexo de referências do agenciamento do homem sobre seu espaço. Os principais e recentes trabalhos a respeito são de autoria de Rafael Winter Ribeiro e Leonardo Barci Castriota.

como vetor de relações sociais, como forma e sentido e só através dessa materialidade, vista como cultura material, é possível compreender o âmago de sua significação, valorizando no tempo e no espaço, a lembrança e a experiência vivida, para que não haja um esvaziamento da vida e da cultura local.

O exemplo utilizado por Ulpiano em seu artigo foi o complexo industrial Matarazzo na Água Branca, em São Paulo, demolido em 1986, restando somente poucas edificações:

“Ora, essencial na definição desse complexo era o espaço, cuja subsistência como documento não pode ser garantida por nenhuma amostra selecionada de ‘estruturas significativas’. Ausente a dimensão espacial – e comprometido, portanto, o entendimento histórico direto do próprio metabolismo da atividade industrial, restaram, [...] apenas carcaças simbólicas, abstrações estetizantes, que realmente não compensam a carga documental comprometida. Nessa perspectiva, o problema-chave é que nossa documentação só pode ser montada num quadro de sistema [...] um conjunto de objetos solidariamente inter-relacionados e espacialmente dependentes. Como consequência, todo levantamento, proteção e valorização do patrimônio industrial teria que levar em conta a natureza e tributos de sistemas complexos, sem o que a documentação ficaria seriamente prejudicada” (MENEZES, 1988:68-69).

Louis Bergeron (1995), que foi presidente do TICCIH,<sup>4</sup> elucida que o

4 - The Internacional Committee for the Conservation of the Industrial Heritage

estudo do legado da civilização industrial em suas distintas fases não se reduz ao estudo de lugares, edificações ou de ferramentas, por mais interessantes que sejam. Essa herança é também toda a memória dos métodos de produção, do trabalho e sua organização. Isso traz ao estudo de arqueologia industrial uma dimensão humana, social e de identidade, que confere seu pleno valor.

No primeiro relatório oficial relativo à proteção de monumentos - a Carta de Atenas de outubro de 1931 - foi evidenciada a falta de sensibilidade com as instalações industriais: "A conferência recomenda [...] a supressão de toda publicidade, de toda presença abusiva de postes ou fios telegráficos, de toda indústria ruidosa, mesmo de altas chaminés, na vizinhança ou na proximidade dos monumentos de arte ou de história (IPHAN, 1995:16). Nesse mesmo caminho, a Recomendação Relativa à Salvaguarda da Beleza e do Caráter das Paisagens e Sítios, produzida em 1962 pela Unesco, em Paris, colocou claramente que minas, pedreiras e instalações de equipamentos industriais eram ameaças às paisagens e sítios e que deviam ser controlados.

Já na publicação da Carta de Veneza de 1964, pelo Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios - ICOMOS há um avanço na definição de monumento histórico, caracterizando-o como "[...] não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural" (IPHAN, 1995:97-100 e 109). Miguel Louis Cereceda (1994) afirmou que se a Carta de Veneza considera a conservação e restauração de monumentos, conjuntos urbanos e obras com significado cultural e histórico, esses são aplicáveis ao patrimônio industrial edificado. Somente em 1999 o tema sobre conservação do patrimônio industrial seria pela primeira vez discutido em uma mesa temática, na Assembléia Mundial do ICOMOS, ocorrida no México (HERNÁNDEZ, 2001:04).

Nos anos de 1970, ocorreram várias tentativas de incorporar o patrimô-

nio industrial no conceito de patrimônio cultural, que ganhou força e passou a representar todos os vestígios relacionados à indústria, sejam eles bens móveis ou imóveis, como máquinas, produtos industriais, força motriz, arquivos de empresas, arquitetura fabril e todos os elementos que condicionaram as atividades industriais.

Em 1975, a Assembléia Parlamentar do Conselho da Europa adotou uma Recommandation relative à l'archeologie industrielle. Dez anos mais tarde esse órgão promoveu vários colóquios com a finalidade de aumentar a valorização global do patrimônio industrial . Pela primeira vez, em 1978, o Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO inscreveu em sua Lista do Patrimônio Mundial um sítio industrial: a Mina de Sal Wieliczka na Polônia.

No âmbito internacional foi criado, em 1978 o TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage), que se estruturou em função de vários congressos internacionais, como o primeiro em Ironbridge, em 1973 e o III Congresso Internacional sobre Patrimônio Industrial em Estocolmo, que motivou sua criação. O TICCIH é uma organização mundial para a arqueologia industrial, que fomenta a proteção, investigação, documentação e formação em todos os aspectos do patrimônio industrial e se encarrega em promover a cooperação internacional, apoiando congressos sobre patrimônio industrial na Europa, na América Latina e em outros países. Há nessa organização representantes e correspondentes nacionais de 53 países, como o Brasil.<sup>6</sup>

---

5 - Dentre os colóquios realizados estavam: *Quelles politiques pour le patrimoine industriel* (Lyon, França, em 1985), *Les ouvrages publics: une nouvelle dimension du patrimoine* (Madri, Espanha, em 1986) *Les monuments techniques de la mine, patrimoine culturel* (Bochum, Alemanha, em 1988) (LÓPEZ GARCIA, 1992:12).

6 - No ano de 2004, foi fundado o Comitê Brasileiro para a Preservação do Patrimônio Industrial (TICCIH-Brasil), formado por diversos profissionais de várias áreas, com o objetivo de pesquisar, investigar, mapear, catalogar, inventariar, divulgar, proteger e conservar os bens materiais e imateriais do patrimônio industrial brasileiro.

Na atualidade, o estudo e a preservação do patrimônio industrial no Brasil vem conquistando mais maturidade e força, mas poucas indústrias são preservadas, principalmente por serem consideradas ainda, dentro de uma consciência rasa, um bem patrimonial menor, de função somente utilitária, sem atributos culturais. Demorou muito tempo para que a fábrica ou complexo industrial representassem algum valor cultural para a sociedade. Conforme dito, a disposição da sociedade para tombamentos ainda caduca em preconceitos quando se refere ao nosso passado industrial.

O estudo e a investigação do patrimônio industrial no Brasil iniciaram-se antes da difusão da disciplina arqueologia industrial no país, que ocorreu durante a década de 1970. A primeira ocorrência de preservação e restauro de uma fábrica ocorreu no estado de São Paulo, em Iperó, região de Sorocaba. Em setembro de 1964 foi tombado pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), hoje IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o primeiro complexo de exploração e fabricação de ferro no Brasil – a Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema – que esteve em atividade até o final do século XIX<sup>7</sup>.

Inaugurando no Brasil o estudo de arqueologia industrial, Warren Dean publicou, em 1976, nos Anais de História, da Universidade Estadual Paulista, em Assis, o artigo – A Fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial (DEAN, 1976)<sup>8</sup>. Essa fábrica, de 1869, foi a primeira a empregar o vapor como energia na província de São Paulo. Dean (1976) fez um quadro das circunstâncias e do processo de industrialização da época, descrevendo a relação da fábrica com a cidade, a tecnologia empregada na produção e construção da São Luiz, além de um

---

7 - Sobre a Fábrica de Ferro de Ipanema, consultar o artigo Marco da siderurgia abandonado em Iperó, de Margarida D. Andreatta, no jornal Estado de São Paulo, publicado em 18 de agosto de 1990, p.20.

4 -Outro importante estudo sobre a fábrica São Luiz de Itu, é a dissertação de mestrado "O Quintal da Fábrica", de Anicleide Zequini Rossi, defendida no IFCH/UNICAMP, em 1991.



estudo da arquitetura e de sua trajetória histórica<sup>9</sup>.

Também em 1976 foi lançado pela FAU/USP o Guia para a história da técnica no Brasil Colônia, de Júlio Katinsky. Para Andrey Schlee, o livro foi um opúsculo que refletiu a preocupação de um grupo de professores da USP, que pesquisava “antigos remanescentes das instalações de produção de bens de consumo (fazendas de café, engenhos de açúcar e espaços fabris urbanos)” (SCHLEE, 2003:4).

No início da disseminação do ramo do saber arqueologia industrial na Europa, na década de 1950, começou a ser publicada a *History of technology*, pela Universidade de Oxford (Inglaterra). Para Ruy Gama, isso não ocorreu por acaso. Após a Segunda Guerra Mundial, talvez motivados pelo alto desenvolvimento técnico da época, “começa a aparecer este interesse por aquilo que os ingleses passaram a chamar de arqueologia industrial” (GAMA, 1988:252).

Da mesma maneira aqui no Brasil o interesse pela disciplina arqueologia industrial caminhou paralelamente à história da técnica<sup>10</sup>. Em 1986 ocorreu o 1o Seminário Nacional de História e Energia, em São Paulo, realizado pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo. Pode-se dizer que foi um dos primeiros congressos, no Brasil, no qual foram discutidos aspectos da arqueologia industrial. Nesse período foi publicado um importante documento: *A Fábrica de Pontas “Rita Maria”*: um estudo de arqueologia industrial (PIAZZA, BARRETO e SOUZA, 1982:13).

---

9 - Os edifícios da fábrica, existentes até hoje, fazem parte dos atrativos turísticos da cidade, e podem ser visitados.

10 - Em 1978, Ruy Gama conclui seu trabalho, *Engenho e tecnologia*, publicado em 1983, e, posteriormente, outro livro, *A tecnologia e o trabalho na história*, publicado em 1986. O grupo de pesquisadores da história da técnica, inicialmente, preocupou-se em estudar as atividades manufatureiras do Brasil-colônia. Segundo Andrey Schlee, os primeiros trabalhos produzidos na década de 1980, claramente influenciados pelos conceitos da disciplina arqueologia industrial – *Arquitetura do açúcar: engenhos do recôncavo baiano no período colonial*, de Esterzilda B. de Azevedo; *Engenho e tecnologia*, de Geraldo Gomes da Silva; *Tecelagem manual no Triângulo Mineiro*, de Xavier Maureau; *Arquitetura vernacular: Vale do Paraíba*, de Antonio Luiz de Andrade e *A arquitetura das charqueadas desaparecidas*, de Andrey Rosenthal Schlee – tiveram como objeto estabelecimentos fabris dentro desse período (2003:4).

Já na década de 1990, o Grupo de História da Técnica – GEHT, ligado na época ao Centro de Memória, da UNICAMP, produziu uma declaração em defesa das construções e instalações utilitárias – “Declaração de Campinas” – na qual discutiram sobre a conservação dos bens culturais, designados por “construções e instalações utilitárias”, ligados aos ofícios, às profissões e às indústrias. A declaração foi redigida em 29 de janeiro de 1988, pelos vinte membros do Grupo de História da Técnica e hoje ratificada por 54 signatários de cinco países (Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Portugal e Espanha)<sup>11</sup>.

Em dezembro de 1999, ocorreu o 2o Seminário Internacional História e Energia, em São Paulo, realizado pela Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo. Semelhante ao outro seminário foram discutidas questões acerca do Patrimônio Industrial<sup>12</sup>.

Existem alguns testemunhos levantados e preservados de nossa atividade manufatureira no Brasil colônia. Na maioria, são engenhos construídos a partir do século XVI, como o Engenho Matoim, em Candeias, na Bahia, o primeiro tombado pelo IPHAN, em 06 de setembro de 1943, que integra um sobrado e fábrica de açúcar. Outro, também em Candeias, na Bahia, o Engenho Freguesia, composto de sobrado, capela e fábrica de açúcar, foi tombado em 14 de setembro de 1944. Na cidade de Santos, interior de São Paulo, foi tombado pelo IPHAN o Engenho dos Erasmos, inscrito no Livro Histórico do Tombo em 2 de julho de 1963. Esse engenho foi alvo, em agosto de 1994, de um projeto de recuperação e preservação levado a cabo por um grupo de pesquisadores da USP, sob a coordenação da arqueóloga Margarida Davina Andreatta<sup>13</sup>.

11 - A declaração do GEHT em defesa das construções e instalações utilitárias pode ser vista na íntegra pelo site: <http://www.geocities.com/RainForest/9468/utilitar.htm>

12 - O trabalho – Uma nova perspectiva sobre o Patrimônio Cultural: preservação e requalificação de instalações industriais – foi exposto pelo professor da Universidade de Coimbra, Portugal, José M. Amado Mendes e foi debatido pelas arquitetas Regina Maria Proserpi Meyer e Raquel Rolnik.

13 - Detalhes do projeto e da prospecção arqueológica do Engenho dos Erasmos: consultar o trabalho de Margarida Davina Andreatta, Engenho São Jorge dos Erasmos: prospecção arqueológica, histórica e industrial In: Revista USP, São Paulo, n.41, pp. 28-47, março/maio 1999 e a dissertação de mestrado de Fernanda Maria Felipe dos Anjos, O Caminho do Açúcar. Cotidiano, Trabalho e Cultura Material: a circulação da produção nas ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos (SéculoXVI), defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sob orientação de Margarida D. Andreatta.

Além desses engenhos tombados, outros testemunhos industriais de outras épocas foram estudados e preservados, como os já citados Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, tombado pelo IPHAN, e a Fábrica São Luiz de Itu, tombada pelo CONDEPHAAT. Tem-se, no registro de tombamentos pelo IPHAN, a Fábrica de Ferro Patriótica, em Ouro Preto, M.G., tombada em junho de 1938, que hoje se encontra em ruínas; a Fábrica de Vinho Tito Silva, em João Pessoa, PB, tombada em agosto de 1984, hoje aberta à visitação ao público; a Fábrica Santa Amélia, de São Luís, MA, tombada em julho de 1987, que conserva ainda toda a estrutura do edifício próxima das condições originais<sup>14</sup>.

A produção de estudos sobre o patrimônio industrial vem aumentando nos últimos anos. São artigos da história da industrialização, da arquitetura industrial, de vilas operárias, das relações sociais da indústria, sobre a preservação de todo um complexo inserido no universo fabril, como estações ferroviárias, portos marítimos, mineração, engenhos, fábricas e outros.

Contudo, a realização desses trabalhos de estudo e de conservação de nosso patrimônio industrial ainda são insuficientes perto de toda a herança industrial do Brasil. Porém, a arqueologia e o patrimônio industrial vêm sendo valorizados, tanto no âmbito acadêmico como no cultural e no político, o que indica que caminhamos para um avanço na compreensão e preservação desses bens.

Desde os anos 80, o TICCIH tenta articular representantes do Brasil para incorporar à sua organização. O parque fabril brasileiro ainda conserva bons exemplares. Eddy Stols, em carta enviada à Universidade Federal de Santa Catarina, em 28/05/1980, salienta essa questão:

---

<sup>14</sup> -Arquivo Noronha Santos, disponível para consulta no site do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Durante as minhas viagens pelo Brasil tive ocasião de constatar que o Brasil, pelas suas repetidas ondas de modernização e pela sua dependência da Inglaterra e outros imperialismos e ao mesmo tempo, pela sua riqueza, foi um dos maiores importadores de "arqueologia industrial", muitas vezes melhor conservada que na Europa (In:PIAZZA, BARRETO e SOUZA, 1982:14).

Dessa maneira vê-se, tanto no campo acadêmico quanto na comunidade em geral, um crescente interesse no estudo e preservação do patrimônio industrial, que indica que esse campo terá importantes desenvolvimentos futuros.

## CAPÍTULO 2: CAFÉ, INDÚSTRIA E ALGODÃO

No período colonial, o Brasil desfrutou de uma elevada produtividade com sua indústria agrícola-exportadora de produtos de caráter tropical e com sua indústria extrativa. No início do século XIX, a corte portuguesa chegou ao Rio de Janeiro (1808) e trouxe à cidade a modernização, tanto comercial, quanto cultural e ao país, mudanças políticas e econômicas. Dom João VI abriu os portos ao comércio mundial e revogou o alvará que proibia a existência de manufaturas de tecidos finos no país. Mesmo assim, o desenvolvimento industrial foi limitado, principalmente por causa do Tratado de Comércio e Navegação, de 1810, com a Inglaterra (LIMA, 1954:29-41 e LUCA, 2001:13-14). Entre as indústrias instaladas nessa época a que mais se desenvolveu e que teve um caráter de uma verdadeira indústria moderna, foi a do setor têxtil.

O comércio do café promoveu, em parte, as bases para o desenvolvimento industrial em São Paulo no final do século XIX e, também, dentro de um enfoque mais geral, foi resultado de um processo de acumulação de capital do setor agrícola exportador - capitalismo tardio - marcando a emergência de um novo modo de produção capitalista<sup>15</sup>.

Nesse período, as indústrias têxtil e a alimentícia foram as mais importantes e as que mais se desenvolveram. Em 1889, o Brasil contava com mais de 636 estabelecimentos industriais e empregava 54.169 operários (SIMONSEN, 1973:16). Só no estado de São Paulo, entre 1873 a 1894 existiam 12 indústrias têxteis, que ocupavam cerca de 4.029 operários (LIMA, 1954:56-58).

O investimento industrial fomentado pelo comércio do café tomou um caminho descontinuado com a crise do café e com a Grande Depressão de 1930. Segundo Wilson Suzigan, a dependência de importar maquinarias e equipamentos pelo setor exportador manteve-se e a importação de insumos básicos começou a cair. Com isso, o crescimento da produção industrial foi estimulado, em parte, por um rápido processo de substituição de importações nas indústrias de bens intermediários e de capital e, em parte, pelo aumento da produção das indústrias de bens de consumo anteriormente instaladas. Ou seja, uma vez que as importações se tornaram mais caras, a demanda interna se transferiu do mercado externo para os produtores domésticos, criando um processo de acumulação de capital, através do mercado interno. A base inicial do crescimento da produção industrial foi a utilização da capacidade ociosa no setor industrial (SUZIGAN, 2000:365-366).

---

<sup>15</sup> - Para entender as relações da produção do café com o desenvolvimento industrial em São Paulo e no Brasil, consultar Sérgio Silva (1995) e Wilson Cano (1998). Sobre o conceito de "capitalismo tardio", consultar Wilson Suzigan (2000).

Como o estado de São Paulo foi o principal produtor de café, as primeiras indústrias surgiram, então, da conjugação do café com a malha ferroviária e com a imigração. Começa a se configurar um novo tipo de indústria mais urbana, com tecnologia moderna, diferente da praticada no período colonial. A mecanização da produção de café coincide com a busca pelas cidades, por parte dos imigrantes. A imigração criou um mercado de trabalho com oferta abundante para a produção do café e para atividades urbanas e ampliou o mercado de bens de consumo leve, que propiciou oportunidades de novos investimentos (NEGRI, 1996:41). Essas atividades urbanas, que incluíam algumas pequenas manufaturas, foram beneficiadas pela mão-de-obra imigrante especializada, como artesãos, operários com instrução técnica ou com experiência no comércio ou na manufatura, sapateiros, seleiros, carpinteiros, serralheiros, ourives, oleiros, etc.

À medida que o capital e a economia do café cresciam, os acúmulos desse capital ultrapassaram as fronteiras das plantações, fazendo surgir uma série de atividades tipicamente urbanas, como a bancária, os escritórios, armazéns e oficinas de estrada de ferro, comércio atacadista, comércio de exportação e importação e a indústria. O crescimento dessas atividades possibilitou o desenvolvimento de uma série de outras, mais vinculadas ao processo de urbanização como o comércio varejista, os transportes urbanos, comunicações, energia elétrica, construção civil e equipamentos urbanos (CANO, 1998:80). Foi nesse contexto que surgiram as primeiras pequenas indústrias.

O primeiro ramo industrial que surgiu em São Paulo foi da indústria manufatureira, que compreendia três segmentos: o primeiro, da fabricação de máquinas e implementos para a atividade agrícola e para o beneficiamento do café; o segundo, da produção de sacarias de juta para a embalagem do café; e o terceiro, os bens de consumo corrente (CANO, 1998:90-91). A maior parte das indústrias nascentes foi promovida por ricos fazendeiros, por imigrantes estrangeiros ou comerciantes importa-

dores, que diversificaram as aplicações de seus capitais, investindo na indústria. Foi o caso do imigrante italiano Francisco Matarazzo, que chegou ao Brasil trazendo algumas economias para formar seu primeiro estabelecimento no ramo de importações e, posteriormente, na fabricação dos produtos que antes importava, tornando-se um dos capitães da indústria de São Paulo. Vale notar a distância entre os imigrantes pobres, que trabalhavam de sol a sol, nos cafezais, ou os operários, nas indústrias, em relação àqueles poucos que conseguiram, através de seus capitais, tornarem-se grandes industriais (LUCA, 2001:21).

Outros fatores também relacionados à produção do café contribuíram para a implantação da indústria, como a baixa de preços internacionais do café, em 1896/97, que fez diminuir a lucratividade das antigas plantações, enquanto que as novas plantações, com margem de lucros satisfatórios, aplicavam parte desses lucros em capital industrial. O êxodo rural, entre 1898 a 1907, aumentou muita a mão-de-obra nas cidades, trazendo uma maior oferta de força de trabalho para as futuras indústrias. Também, entre 1924 e 1926, o custo de bens de capital reduzido e a fácil importação auxiliaram a instalação de mais indústrias.

Portanto, os excedentes da produção do café empregados em atividades para seu crescimento e seu fortalecimento, acabaram por interagir e formar meios que foram a base para a nascente indústria paulista, como descreve Wilson Cano:

[...] foi o capital cafeeiro quem promoveu essa primeira expansão industrial, tanto de forma direta como indireta. Os próprios fazendeiros investiam seus lucros em indústrias [...] As evidências históricas demonstram que também comerciantes, bancos, imigrantes, importadores e outros agentes do complexo cafeeiro fundaram ou adquiriram empresas industriais[...] (CANO,1998:143).



As primeiras fábricas da cidade de São Paulo datam do início do século XIX. Até a década de 1860 as experiências para a consolidação de fábricas não surtiram muitos resultados. A região de Sorocaba teve um papel importante no desenvolvimento industrial, tornando-se centro de um movimento para a expansão da lavoura do algodão. A Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, provocou uma crise de abastecimento de algodão nas indústrias inglesas, o que elevou os preços do produto no mercado internacional, estimulando o seu plantio em qualquer local que fosse possível. Nas regiões de Sorocaba e Itapetininga, em terras impróprias para o plantio do café, a cultura do algodão foi implantada. Em 1867, Maylasky publicou nos jornais de Sorocaba a idéia de se fundar uma nova fábrica de tecidos, mas, como outras, essa fábrica não durou muito tempo, entrando em liquidação em 1870 (REIS FILHO, 1994:65-66).

[...] na década de 1870 estavam assentadas as condições para o surgimento da indústria algodoeira; a abundância de matéria-prima (algodão) a preços acessíveis, a facilidade no recrutamento de força de trabalho especializada e em importar maquinismos, a melhoria nos transportes, a disponibilidade de mão-de-obra e a presença de um crescente mercado consumidor (RIBEIRO, 1988:27).

A primeira fábrica a atingir resultados positivos, com as características de uma fábrica moderna (maquinaria importada e operários livres), foi a São Luiz, de Itu, fundada em 1869. Carlos Lemos, em Alvenaria Burguesa (1989:41), diz que Campinas foi a primeira cidade a ser provida de uma olaria com produção mecanizada de tijolos cerâmicos (olaria Sampaio Peixoto). Isso ocorreu dois anos antes de ser construída a Fábrica São Luiz. Antes disso, a produção de tijolos era realizada com técnicas artesanais e processos de fabricação rudimentares. O avanço da cultura cafeeira fez quebrar a tradição construtiva que, até meados do século XIX, baseava-se na técnica de levantar paredes de taipa socada

ou de mão e cobrir as estruturas de madeira com telhas de barro do tipo capa e canal. O trabalho com a madeira também sofreu um avanço, passando de técnicas artesanais para bem equipados engenhos de serrar, sendo também na região de Campinas o maior número destas unidades industriais em meados de 1860 (SAIA, 1989:138).

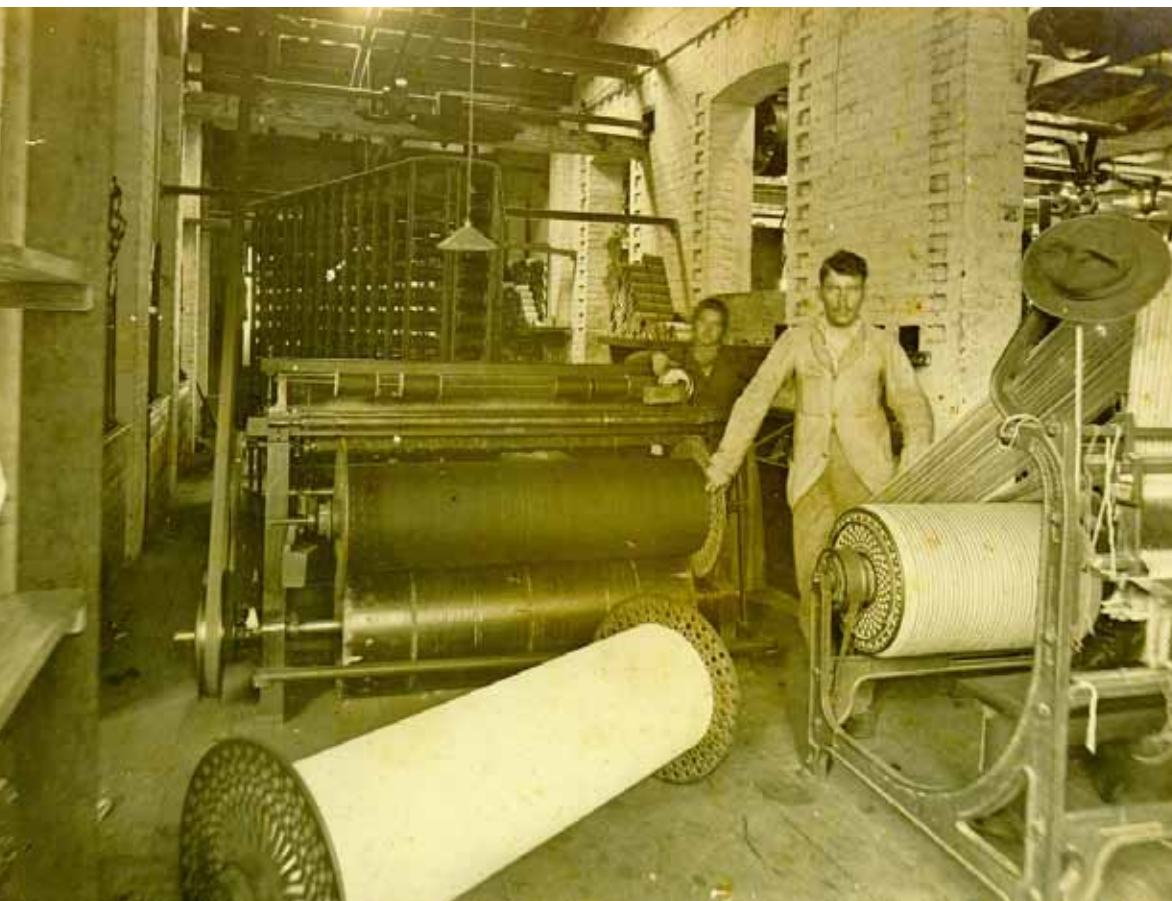
Na década de 1870, outras indústrias começam a se instalar no interior do Estado, como a fiação e tecelagem Jundiaiana, de 1874, em Jundiaí, que posteriormente mudou sua razão social para São Bento. A força-motriz dessa fábrica foi inicialmente hidráulica, sendo substituída por uma caldeira a vapor, em 1886. Em 1875, surgiram mais quatro tecelagens: Santo Antônio, de São Luís de Paraitinga, que possuía 25 teares; Santa Francisca, de Piracicaba, instalada junto ao rio da cidade, com 100 teares e 180 operários; Fábrica Carioba, em Americana, com 26 teares, e a última, em Salto, pertencente a José Galvão de França Pacheco Júnior - Fábrica Júpiter - instalada junto à queda-d'água do rio Tietê. Essas quatro fábricas possuíam força-motriz hidráulica; a Júpiter utilizava a força d'água para movimentar seus 50 teares, mas, em vez de rodas d'água, ela tinha uma moderníssima turbina, mais econômica, que ocupava menos espaço que as máquinas a vapor (RIBEIRO, 1988:33-36 e DEAN, 1976:13).



Descaroçador de algodão da tecelagem Carioba de Americana.  
Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth - Unicamp

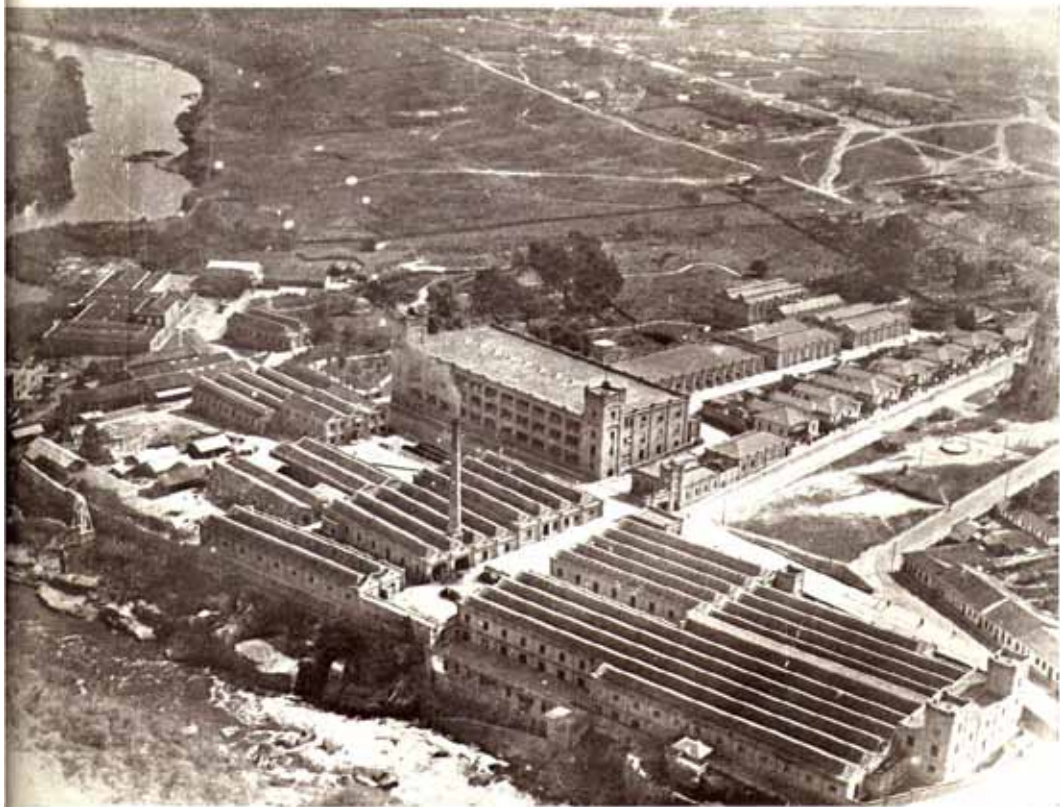
Interior da tecelagem Carioba.

Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP





# B R A S I T A L <sup>S/A</sup>

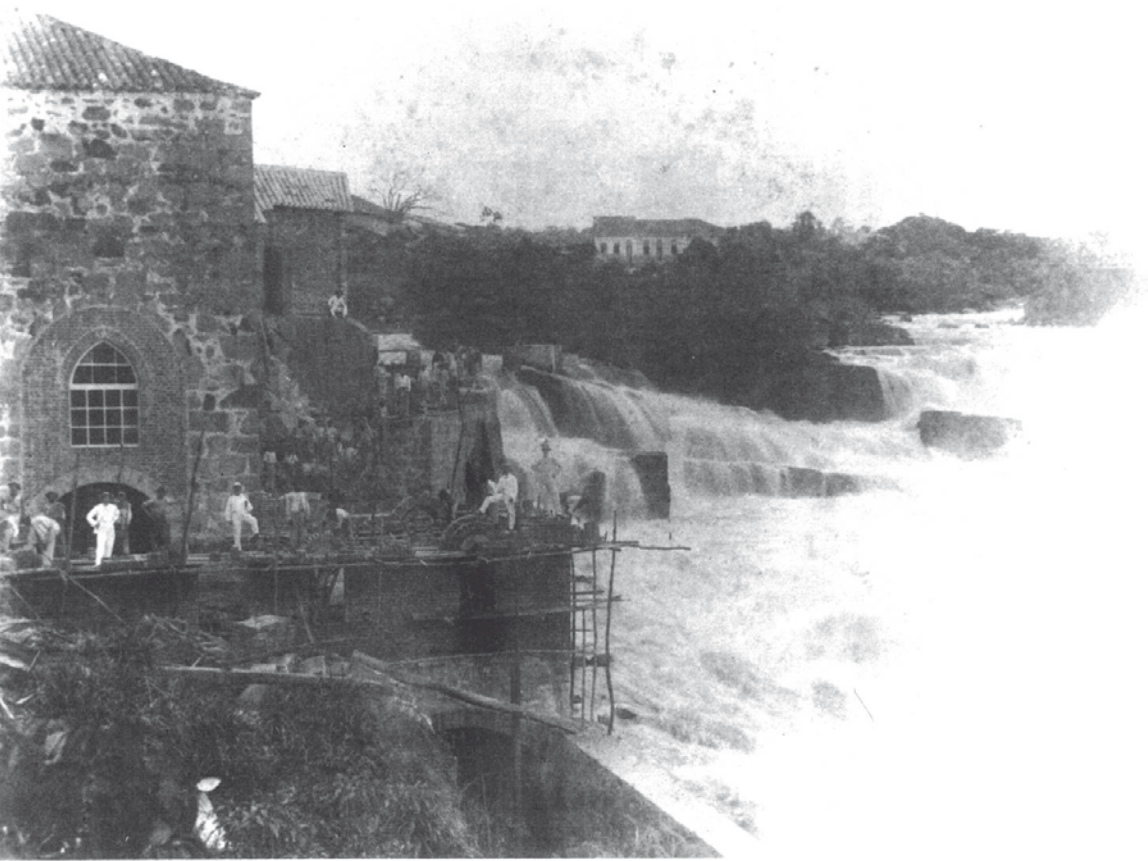


*Fabbrica di tessuti di cotone della "Brasital" a Salto de Itá*

Junto à cachoeira do rio Tietê foram instaladas as indústrias têxteis Júpter (José Galvão de França Pacheco Júnior - 1880) compradas pela Sociedade Ítalo - Americana em 1904, que posteriormente todo o complexo passou a chamar-se Brasital em 1919.

Fonte - Arquivo Edgard Leuenroth - Unicamp

O edifício em granito da fábrica Fortuna, em 1903, junto a Salto de Itu.  
Fonte: Boletim Informativo da Associação Portuguesa para o patrimônio industrial, n-3, série II, jan-jun 1999, p.13.



As indústrias importantes dessa época eram têxteis e algumas como, a São Martinho, de Tatuí, de 1881, e a Mont-Serrat, de Salto, de 1887, já utilizavam a energia a vapor. No entanto, essa força-motriz foi pouco empregada. Assim como a fábrica Votorantim, de 1893, instalada na zona rural, próxima a Sorocaba, muitas outras indústrias se caracterizavam por utilizarem força-motriz hidráulica e por estarem instaladas fora da área urbana, junto aos rios. Helena Saia corrobora, afirmando que essas indústrias “estavam localizadas junto a áreas produtoras de matéria-prima e com situação quase sempre definida pela existência de curso d’água (SAIA, 1989:157)”.

É importante ressaltar que essas indústrias já produziam um impacto nas áreas onde foram instaladas. A paisagem em torno dela era transformada “[...] principalmente pelo uso e dominação dos recursos naturais disponíveis. Abrem-se canais, desviam-se os rios e criam-se represas para a geração de energia para a fábrica, o que altera significativamente a paisagem e a vida dos moradores locais” (BALLEIRAS, 2003:88).

As indústrias instaladas a partir do início do século XX, no Estado de São Paulo, possuíam características diferentes daquelas primeiras da região de Campinas, que se localizavam junto aos rios, geralmente distantes do centro urbano e utilizavam a energia hidráulica como força-motriz. As novas indústrias, mais modernas pelo seu sistema construtivo mais avançado, suas máquinas maiores e ágeis, foram instaladas próximas aos centros urbanos, pela disponibilidade de mão-de-obra, de mercado consumidor e pela implantação da malha ferroviária. Não dependiam mais dos cursos d’águas para gerarem energia; muitas já utilizavam a energia a vapor e algumas iniciaram o uso da energia elétrica. A inserção dessas indústrias no espaço foi condicionada pela linha de trem, que contornava a cidade, e os terrenos, próximos à linha, eram mais baratos e de dimensões superiores.

É nesta fase da industrialização que as indústrias Matarazzo serão instaladas no interior de São Paulo. Com um padrão tecnológico determinado pelas energias transformadas (vapor e elétrica), as indústrias se distanciam dos rios, aproximando-se dos leitos das ferrovias, gerando uma morfologia urbana diferente daquelas da primeira fase.



provavelmente, feito por tropas de animais até Sorocaba, depois por via férrea, até São Paulo e Rio de Janeiro. Francisco Matarazzo realizava o seu comércio rural com os fazendeiros da região, possivelmente, antes da consolidação dessas fábricas:

[...] de Sorocaba, onde fixára residencia, apenas chegado da Italia, se irradiava em excursões pelo nosso sertão, que percorria a cavallo com tropa de carga, transaccionando com os fazendeiros nelle estabelecidos. (...) Ia e vinha de Sorocaba para vê e abraçar os seus e proseguia na tarefa a que se dedicára (In Memoriam, s/d:101 e 471-472).

Martins (1973:26) indica em seu livro que a fábrica de banha em Capão Bonito é, às vezes, referida pela futura sociedade anônima IRFM em seu patrimônio, como a fábrica de banha em Itapetininga. Através da pesquisa feita junto à Secretaria de Cultura da cidade de Capão Bonito, verificou-se que lá existiu, realmente, a Fábrica de Banha de Francisco Matarazzo, e que o prédio onde funcionou a fábrica foi demolido há cerca de 10 anos. A pesquisa nos jornais de época, de Itapetininga, indicou, também, algumas notícias a respeito de uma fábrica de beneficiamento do algodão que Francisco Matarazzo instalou na cidade, na década de 1930. Em nenhum momento, no conteúdo dessas notícias sobre as indústrias Matarazzo na cidade, foram feitas referências à antiga fábrica de banha; somente a indicação e a conclusão de que a fábrica de beneficiamento do algodão foi a primeira e única indústria que Francisco Matarazzo implantou em Itapetininga. Verificar informações atuais de Sorocaba

Segundo Martins, essas três fábricas de banha possuíam alguns toscos aparelhos (1973:22). Posteriormente, Francisco Matarazzo fundou outra fábrica de banha em Porto Alegre e deu início ao armazenamento de banha, não mais em barris de madeira, como era comum, mas em latas. Em relação à fábrica de banha em Capão Bonito, que leva o nome de Fábrica de

Banha A Paulista, temos os seguintes dados:

Occupa uma area de 25.000 mq. dos quaes 4.000 com edificações. Os porcos destinados ao fabrico de banha são conservados num vasto campo, onde são cuidados com a maxima limpeza e hygiene. Em edificio separado são abatidos e depois collocados em trez grandes caldeiras da capacidade de 2.000 litros de gordura. A banha destas caldeiras, é transvasada em depositos e acondicionadas em latas de diversos tamanhos. A carne dos porcos é salgada na mesma fabrica e exportada para o Rio. A força é fornecida por uma caldeira de 30 H.P. Trabalham nesta fabrica 45 operarios. A producção é de 2.000 Kilos de banha por dia (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906, s/p.).

Outros dados sobre a fábrica:

A última fabrica, a de Banha Paulista, em Itapetininga, occupa a superficie de 25.000mts dos quaes 4.000 com as oficinas e um estabelecimento para o preparo de conservas de carne de porco. A fábrica compõem-se de diversos pavilhões: no primeiro fica o matadouro; o segundo é ocupado pelas caldeiras destinadas a cozinhar a graxa; e no ultimo está instalada a seção de conservação da carne que, logo depois de salgada, é exportada para a Capital. Na fabrica trabalham 45 operarios que preparam cerca de 2.000 Kilos, diariamente, de carne salgada (LLOYD, 1913:677). A Fabrica de Banhas Paulista, occupa uma area de 25.000 metros quadrados e está provida de installações para o preparo da banha e da carne salgada, de vacca e de porco; a produção diaria desta ultima carne vae a 2.000 Kilos (MANNING, 1919:471).

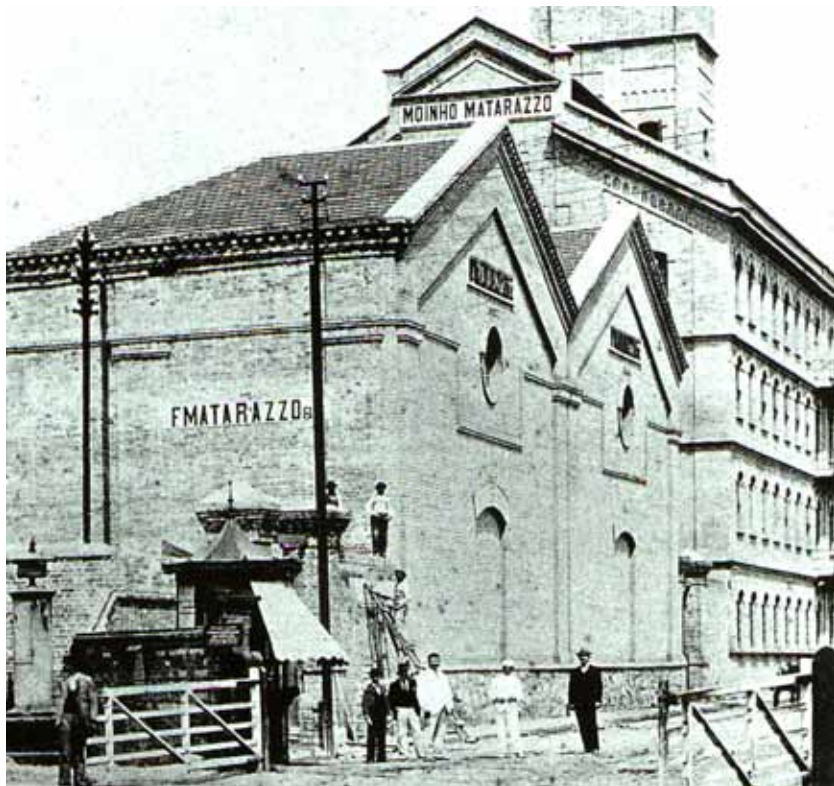
Dois irmãos de Francisco Matarazzo recém-chegados da Itália, José e Luís, formaram com ele, em 1890, a sociedade Matarazzo & Irmãos, compreendendo uma fábrica de banha em Sorocaba, uma em Capão Bonito, uma em Porto Alegre e um armazém em São Paulo (LIMA, 1954:157-158). O Encilhamento, na época, que permitia aos bancos a emissão de dinheiro, bem como o incentivo à criação de sociedades anônimas e também liberação de créditos, contribuiu para uma circulação de dinheiro enorme no país e para a criação de muitas sociedades, como é o caso da Matarazzo & Irmãos.

Francisco Matarazzo mudou-se para São Paulo em setembro de 1890, para se estabelecer na Praça do Mercado, na Rua 25 de Março, com uma casa de comissões e consignações, onde também vendia a banha em lata produzida por ele. Outro irmão de Francisco, André, também recém-chegado ao país, filiou-se à sociedade, ficando responsável pela fábrica de Sorocaba. Francisco, com o armazém em São Paulo, combinou a comercialização da banha a negócios de importação de bens de consumo, o que permitiu reduzir o impacto das oscilações no mercado e na concentração dos lucros, ora na indústria interna, ora na importação. A especialização no setor industrial, naquele momento, exporia o capital a riscos incontrolláveis e a uma situação muito submissa. No conjunto das atividades, o capital podia preservar uma taxa mínima satisfatória de reprodução (MARTINS, 1973:22-24).

Em meados de 1890, a sociedade Matarazzo & Irmãos é dissociada e, em 15 de março de 1891, é organizada, por Francisco Matarazzo e seu irmão José, outra sociedade, com 43 acionistas. A Companhia Matarazzo tinha por finalidade fabricar, refinar, comprar e vender banha e comprar e vender outros produtos. As fábricas de banha de Sorocaba e Porto Alegre, da Matarazzo & Irmãos, foram compradas e incorporadas à nova empresa. Francisco Matarazzo ficou com o comando do armazém da Rua 25 de Março e conservou a fábrica de Capão Bonito; passou a denominar-se F. Matarazzo & Cia. Ltda., associando-se a seu irmão André. Nessa época, Francisco Matarazzo mantinha relações com o banco inglês London and Brazilian Bank,

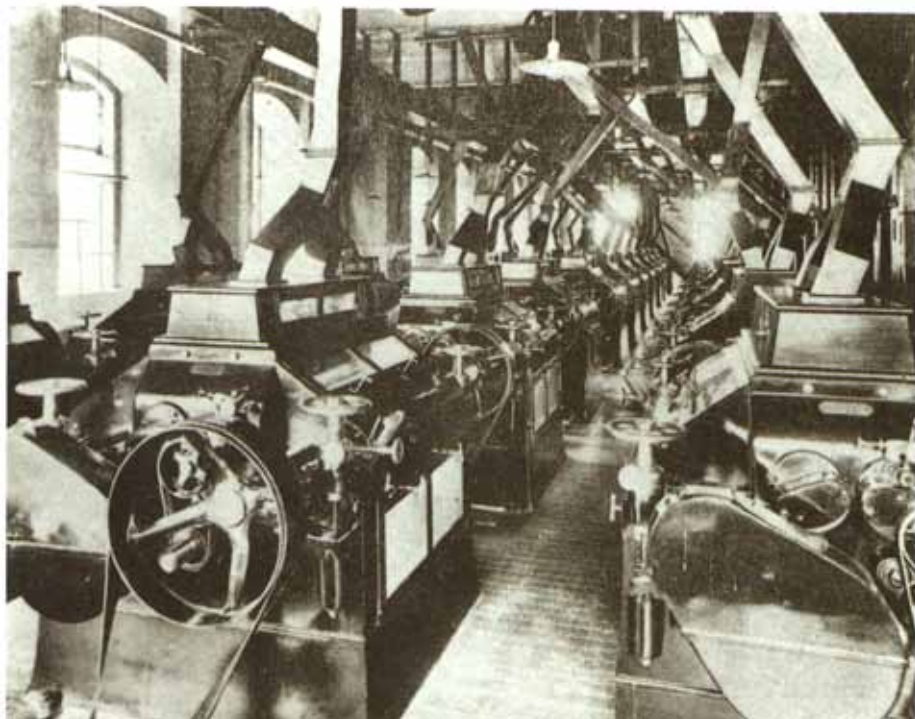
mais tarde chamado de Bank of London and South América (LIMA, 1982:24-27).

A firma F. Matarazzo & Cia. Ltda. importava farinha de trigo americana e arroz da Cochinchina, com a ajuda de crédito do banco inglês. Com a ajuda de um banqueiro, Francisco conseguiu crédito de um banco inglês, chamou técnicos ingleses e deu início à construção do Moinho Matarazzo, localizado no bairro do Brás, na rua Monsenhor Andrade, junto à linha da São Paulo Railway e próximo ao Mercado Municipal da cidade. O Moinho era ligado a essa linha por um desvio duplo, com capacidade de 52 vagões para carga e descarga, que alcançava seu interior. A indústria ocupava uma área de 20.000 metros quadrados e foi equipada com moderníssimas máquinas Henry Simon & Co., da casa Henry Simon. A instalação dessas máquinas inglesas foi feita por engenheiros estrangeiros, sob a direção do Sr. Henrique Schuman, engenheiro chefe da Cia. Mecânica Importadora e catedrático da Escola Politécnica. A obra foi iniciada em janeiro de 1899 e concluída em fevereiro de 1900, sendo sua inauguração em 15 de março de 1900. No Moinho funcionavam também duas oficinas, uma para fabrico de sacaria e outra completa, para consertos, e um almoxarifado de sobressalentes (In Memoriam, s/d:14, 101-102 e 333; MARTINS, 1973:30-31; RUST, 1934:28 e ANDRADE, 1991:169-170).



Parte do complexo industrial do Moinho Matarazzo.

Fonte: SIAMO TUTTI ORIUNDI!: a presença italiana no Brasil/ coordenação geral Máquina da Notícia; prefácio Jorge Amado; apresentação Calisto Tanzi. – São Paulo: Parmalat, 1996.



Maquinário do Moinho Matarazzo - início da década de 1920

Fonte: MICELI, Paulo Celso. Além da fábrica: o projeto industrialista em São Paulo, 1928-1948. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1992.

Entrada do Moinho Matarazzo.

Fonte: Foto executada por Michael Alves de Lima, de 28/08/1980. Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão de Iconografia e Museus.





O Álbum F. Matarazzo e Cia. traz mais detalhes sobre o projeto e o modo de produção do Moinho Matarazzo:

O moinho foi construído e montado segundo o projecto da especial casa Henry Simon Ltd. de Manchester, pelos engenheiros especialistas Rey e Prist.

[...] O edificio principal, de 4 andares, que contem todos os aparelhos de lavagem, limpeza e moagem, é dividido em duas secções autonomas, completamente independente uma da outra.

[...] Com o perfeitissimo systema de trituração, o moinho produz diariamente 3.500 saccos, de 44k., de 12 typos diferentes e mais de 2.000 saccos de farelo. A força motora é alimentada por 2 motores electricos de 300H.p. cada um e outros pequenos motores de 30,20,15 e 5 H.p., collocados nas diversas secções.

[...] Completam a installação do moinho, grandes armazens, officinas mechanicas para consertos, listagem dos cylindros, etc. Trabalham no moinho 250 operarios (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. (Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906:sem página).

Em outros documentos, têm-se informações de que cerca de 500 operários trabalhavam no Moinho Matarazzo (não 250), e que este número estava subindo, e também que a produção de sacos de farinha e farelo aumentou para 6.000 diários, em vez dos 5.500 (MANNING, 1919:471 e LLOYD, 1913:677). No livro São Paulo e seus homens no Centenário (1922:230) foi encontrado que a produção diária do Moinho Matarazzo era 6.000 sacas de farinha e 600 de farelo.



No Moinho, além das instalações para moagem do trigo, existiam duas oficinas e um almoxarifado, como já foi citado. Uma delas, que era destinada a consertos, em 1902 foi transformada em seção de fabricação no ramo metalúrgico, posteriormente transformada na Metalúrgica Matarazzo. A outra oficina era equipada com máquinas de tecelagem destinadas à produção de sacos para acondicionar toda a farinha, mais tarde desmembrada para dar origem à Fiação e Tecelagem Mariângela, inaugurada em 1904.

No mesmo terreno do moinho, foi construído um edifício de vários andares, para beneficiar o arroz, e, para isso:

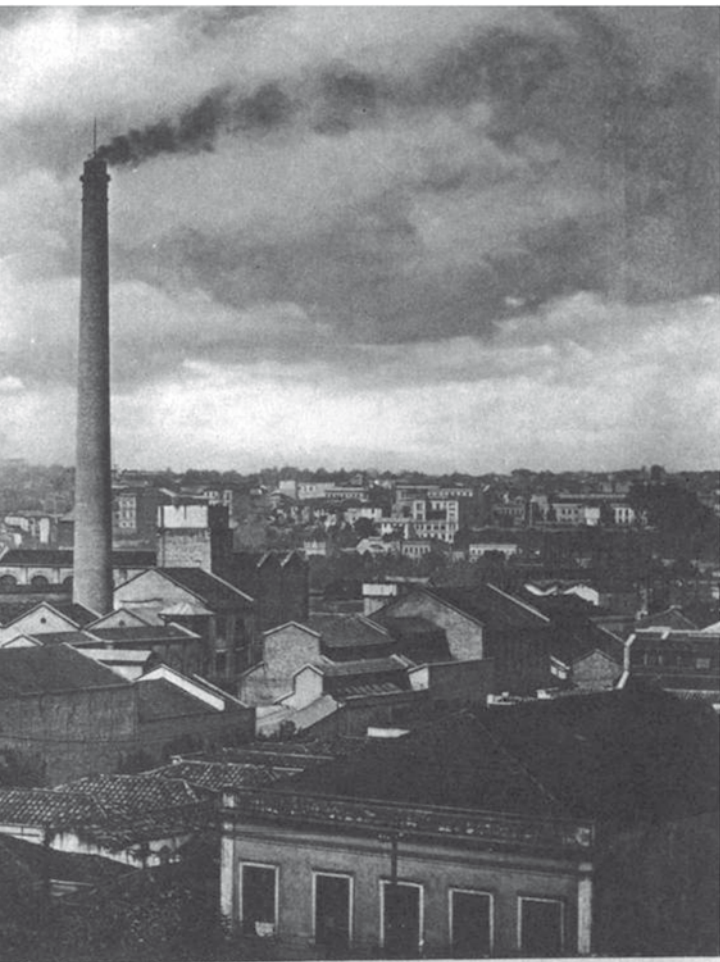
[...]foram montadas mecanismos aperfeiçoados de invenção recente. Dois possantes aparelhos oscillantes limpam o arroz que delles já sae sem casca. Um moinho de pedra parte a casca; tres descascadores a separam do arroz, emquanto quatro machinas rotativas recebem os grãos que della saem completamente brunidos. Há ainda uma maquina de ensacar o arroz, sendo as saccas da Mariângela (LLOYD, 1913:677).

Possivelmente, esse estabelecimento foi instalado após a inauguração da Fiação e Tecelagem Mariângela (1904), e consta que ele já existia em 1911, com capacidade de produção de 1.000 sacas por dia de arroz beneficiado. Outro anexo ao Moinho, datado de 1926, para a fabricação de massas alimentícias, em 1938 transformou-se no Pastifício do Brás, produzindo a marca Petybon (ANDRADE, 1991:170-171).



FABRICA MARIANGELA

Vieta geral — Vista generale — General View of the Cotton Mill



Tecelagem Mariângela em São Paulo.

Fonte: LIMA, Jorge da Cunha et al. Matarazzo 100 Anos.

A Fiação e Tecelagem Mariângela, desmembrada da oficina no Moinho, foi instalada também na rua Monsenhor Andrade, na quadra ao lado do Moinho, do lado oposto, próximo à São Paulo Railway, mas não ligado diretamente a ela. Essa indústria foi projetada na Inglaterra, de onde vieram as plantas. As obras tiveram início em 1903, com medidas internas de 33,528 metros de frente e 68,58 metros de fundo, totalizando 2.299,35 m<sup>2</sup><sup>16</sup>.

A fábrica Mariângela tinha suas seções integradas desde a sua construção, incluindo fiação, tecelagem de algodão e cascarnifício, que produzia fibras para cobertor. Em 1910, foram acrescentadas a tinturaria e a estamperia (ANDRADE, 1991:171).

Dois publicações, uma pela Secretaria do Estado de São Paulo e outra editada por ingleses (Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906 e LLOYD, 1913:677), afirmam que a fábrica ocupava uma área edificada de 5.624 m<sup>2</sup>, ou seja, uma área maior que a já citada, possivelmente por incluírem novas seções ou anexos.

O algodão entrava na fábrica em sua forma natural e era colhido por 6 descascadores, que separavam os caroços. Um sistema de condutor plano e com correias transportava o algodão em máquinas que o misturavam, tornando-o uniforme. Depois era transportado por elevadores, aos depósitos. O algodão ainda bruto passava por diversas máquinas que o ventilavam, batiam e enrolavam em carretéis. Estes carretéis iam para 44 cardas, que preparavam o algodão para passarem a fiação, o que era feito gradualmente e por meio de muitas passagens. Vinte e um bancos de fusos, divididos em 6 seções, de 3, cada uma, transformavam o algodão saído das cardas em cordas finas, pouco resistentes, para poderem ser enroladas nos carretéis especiais, que iam depois para a seção de

---

<sup>16</sup> - Requerimento de agosto de 1903, da F. Matarazzo & Cia. à autoridade municipal, para a construção da Mariângela, (ANDRADE, 1991:171).

fiação. Na ampla sala de fiação, havia 33 máquinas, com 11.500 fusos, e outras especiais, com 1.500 carretéis, que preparavam o fio que passava para a sala da urdidura, onde trabalhavam 6 máquinas. Em uma sala separada era engomado o fio. Algumas máquinas recebiam farinha, água e outras substâncias químicas que, juntas, fermentadas e cozidas, por meio de uma bomba, repartiam-se automaticamente entre as 3 máquinas que engomavam o fio e outra maior que engomava o tecido. As bobinas com o fio engomado eram fixadas e urdidas pelas operárias. Passavam, depois, para uma outra sala, onde havia 400 teares. O sistema dos 100 teares Nothrop era novíssimo, permitindo que um só operário vigiasse 14 teares. As bobinas com o tecido passavam, antes, pela seção de aperfeiçoamento, e depois iam para a grande sala, onde, além da grande máquina de engomar, havia 2 outras para dobrar e medir, 2 prensas hidráulicas e uma para estampar a marca nas peças. Em outra sala funcionavam 8 máquinas para fazer as meadas. A produção da fábrica era de 20.000 metros por dia, divididos em diversos tipos, próprios para sacaria, forros e roupas brancas. Trabalhavam nessa fábrica 600 operários, e a força motora era alimentada por 9 motores elétricos de 450 H.P. (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906:sem página).

A Agenda Matarazzo é uma publicação da empresa, que traz informações de suas fábricas, referentes ao ano de 1931. Dela foram retiradas os seguintes dados sobre a Fiação e Tecelagem Mariângela:

Trabalham nessa fábrica 2.000 operários que se repartem entre as diversas seções assim divididas:

FIACÇÃO – Com 45.000 fusos, está capacitada para a fabricação de fios até o título No 44 (inglez), para todas as aplicações das indústrias textis, como sejam: fios síples a uma e a duas cores; fios retorcidos a uma, duas ou mais cores; fios fantasia

de diversos typos e cores etc.

TECELAGEM – Precedida por optimas e aparelhadas secções de preparação, a tecelagem compõe-se dos seguintes typos de teares:

[...]

Automaticos (Northrop).....250

[...]

Total:.....1.800

[...]

TINTURARIA – Dotada de aparelhos modernos para tingir, alvejar e mercerizar, alcançamos uma produção media diaria de 3.000 Kgs. repartidos em:

[...]

CASCAMIFICIO – Com total de 3.500 fusos...

[...]

FORÇA MOTRIZ – Possuimos, como reserva, instalações para produzir 2.000 H.P. dos quaes: 1.600 H.P. por meio de motores Diesel uns unidos a geradores electricos, e 400 H.P. por turbinas a vapor, cujo recuperio é destinado a diversas secções que necessitam de aquecimento.

CALDEIRAS – Recentemente installadas, existem 4 typos Franco Tosi para 13 atmosferas com economisadores e supra aquecedores (Agenda Matarazzo, 1931:07-09).

Novamente as publicações trazem dados divergentes sobre a produção e o número de operários das mesmas fábricas. Os dados do documento de 1904 a 1906 divergem dos dados da Agenda Matarazzo. Acredita-se que, entre 1906 e 1931, houve um aumento da produção e de operários na Mariângela.

É importante observar a representatividade, para a época, da Fiação e Tecelagem Mariângela, e também a sua comparação com outras tecela-

gens, nas qualidades de produção, tamanho, higiene e maquinaria. Maria Alice Ribeiro comenta que algumas fábricas, em 1918, fazendo descrições para a I Exposição Industrial, contemplavam a presença de processos produtivos modernos, como a existência de teares automáticos do tipo Nothrop, com os da fábrica Mariângela (RIBEIRO, 1988:112). Além desse equipamento moderno, a Mariângela tinha em seu processo de produção alguns mecanismos que facilitavam a vida do operário, como o caso do transporte da matéria-prima, que era feito por meio de elevadores, guindastes, carrinhos e esteiras sem fim, sendo que a maioria das fábricas da época não dispunha desses recursos. A Mariângela era considerada: “[...] a mais importante da América do Sul, não só pelo conjunto da produção, como pela perfeição do trabalho efetuado por máquinas modernas e pelas condições de higiene em que trabalham os operários”<sup>17</sup>.

O Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, de São Paulo, de 1912, contribui para visualizarmos outros elementos importantes da Mariângela:

[...] Acha-se instalada em um soberbo edifício de dois andares, que ocupa quase toda quadra. Sob os pontos de vista de segurança e higiene, não se pode desejar coisa mais perfeita: as suas instalações são feitas com todo rigor; há luz e ar em abundância, asseio completo. Nos corredores e nos lugares onde permanecem os operários, o soalho é sempre de madeira. Na fiação existem aspiradores para a poeira do algodão, e, em todas as seções, ventiladores para a renovação do ar ambiente. Para o trabalho de menores, as máquinas são de tamanho reduzido. (...) Tem esta fábrica todas as seções

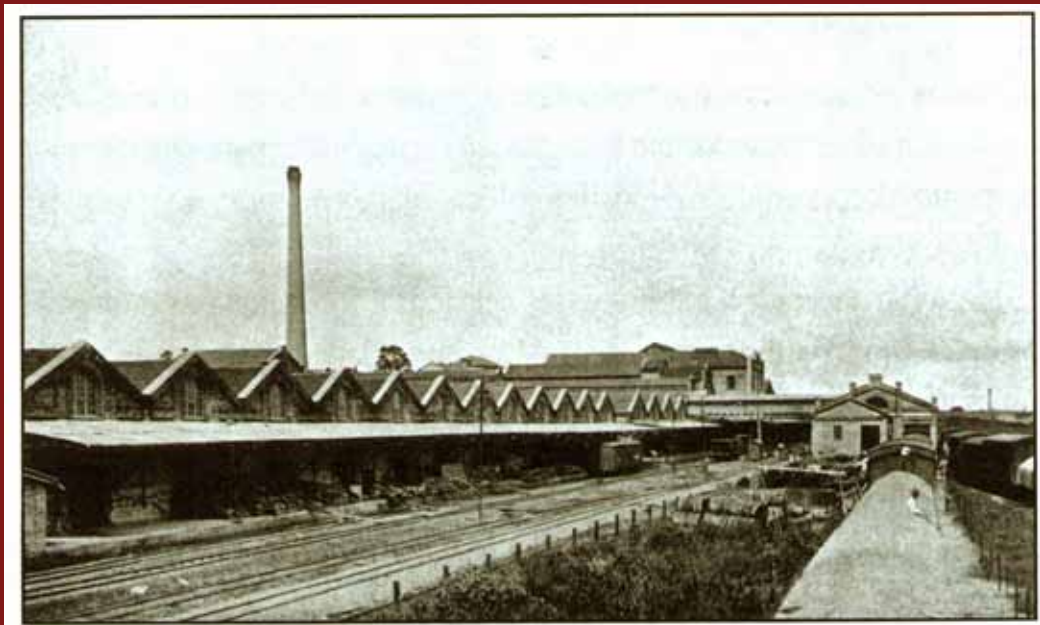
<sup>17</sup> - A autora traz informações sobre o processo de trabalho de várias indústrias e também da fábrica Mariângela, como a produção, quantidade de máquinas e motores (RIBEIRO, 1988:112-115).



separadas, havendo algumas onde só é fornecido trabalho a adultos, W.C. e vestiários em número suficiente [...] (In: DECCA, 1991:33, 34).

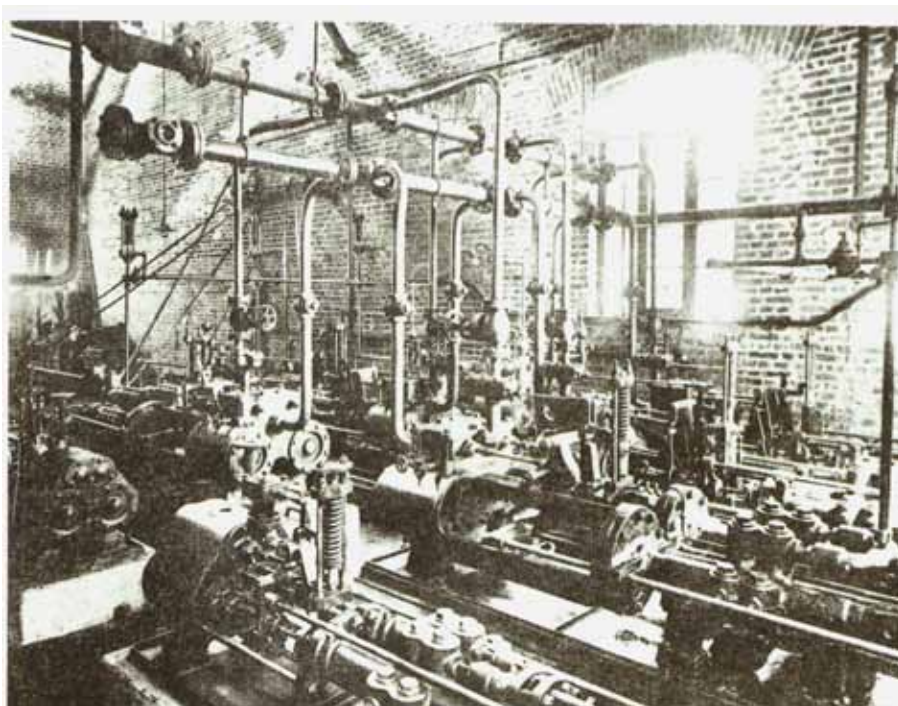
Devido às grandes quantidades de caroços que sobravam do algodão não beneficiado (com algodão e caroço) utilizado na tecelagem, Francisco Matarazzo instalou, junto ao complexo têxtil Mariângela, a fábrica de óleo e sabão Sol Levante, sem data precisa, mas possivelmente construída na década de 1910. A fábrica de óleo tinha máquinas de refinação de óleo de semente de algodão, importadas dos Estados Unidos. Essa fábrica ocupava dois edifícios, trabalhando nela 60 operários, com consumo diário de 60 toneladas de caroços para a produção de 40 quartolas de óleo refinado. Os resíduos da preparação desse óleo eram utilizados para a fabricação do sabão, cuja produção é de cerca de 5.000 quilos diários, consumidos em todo o Estado (RUST, 1934:29; LLOYD, 1913:677).

A fábrica Sol Levante, como já dissemos, era formada por dois edifícios separados. No primeiro se encontravam o depósito de caroço de algodão e diversas máquinas, para a extração do óleo natural. O segundo edifício era destinado à refinação e à extração da estearina (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906:sem página).



Fábrica Sol Levante em São Paulo.

Fonte: CARONE, Edgar. A evolução industrial de São Paulo (1889-1930). São Paulo: SENAC, 2001.



Maquinário da Fábrica de óleos Sol Levante, da Matarazzo, no início da década de 20.

Fonte: MICELI, Paulo Celso. Além da fábrica: o projeto industrialista em São Paulo, 1928-1948. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1992.

Os caroços de algodão são transportados do depósito ao pavimento superior da fábrica... Em seguida, os caroços passam para uma sala contígua onde seis máquinas acabam de limpá-los completamente... Os caroços, assim polidos, entram para o descarregador e depois numa peneira as quaes separam a casca dos caroços.

[...] O caroço, assim descascado, é transportado para o andar térreo e quebrado por uma máquina composta de cinco cilindros sobrepostos, passando, em seguida, em quatro caldeiras esquentadas mediante jactos de vapor.

[...] Para effectuar as diversas passagens do óleo, há 12 bombas a vapor. Para o fornecimento do vapor necessario, há uma caldeira de 360 K-P.

Fornecem a força motriz 5 dynamos da força complexiva de 250 cavallos.

Na fábrica está installado um gabinete chimico.

Annexo ao estabelecimento tem uma fábrica de latas com 9 máquinas.

Na fábrica trabalham 65 operarios.

O consumo diario do estabelecimento é de 60 toneladas de caroços para a producção de 40 quartolas de óleo refinado (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Álbum F. Matarazzo e Cia., 1904-1906:sem página).

O primeiro núcleo formado, então, pelas indústrias Matarazzo, no bairro do Brás, em São Paulo, incluía o Moinho Matarazzo, a tecelagem e fição Mariângela, a fábrica de óleo e sabão Sol Levante e a Oficina Central. O segundo núcleo da F. Matarazzo e Cia. foi formado no bairro da Moóca, junto à São Paulo Railway, na Alameda Taubaté (atual Rua Borges de Figueiredo), com a fábrica de fósforos Sol Levante, em 1906.

No mesmo endereço, em 1910, a Matarazzo instalou uma refinação de açúcar e, em 1915, um moinho de sal (ANDRADE, 1991:172)<sup>18</sup>.

Em 1911, Francisco Matarazzo constituiu-se a sociedade anônima denominada "Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo" (IRFM), a sociedade de maior importância em toda sua carreira industrial, que englobava a Fiação, Tecelagem, Malharia e Tinturaria Mariângela, a Branquearia e Estamparia Mariângela, o Moinho Matarazzo, a Fábrica de Banha, em Capão Bonito, um Engenho de Arroz, em São Paulo, e outro em Iguape, à beira do Rio Ribeira, a Fábrica de Óleo e Sabão Sol Levante e o Casca-mifício Mariângela, entre outros. O setor de tecelagem da empresa e outros foram ampliados, com a construção da Tecelagem Belenzinho, da Amideira Matarazzo, um belo exemplo da arquitetura industrial da época, e com a aquisição de armazéns e trapiches em portos, como o de Antonina, no Paraná, pela subsidiária S. A. Indústrias Matarazzo do Paraná, além de filiais em Santos, Rio de Janeiro e Curitiba (LIMA, 1982:27).

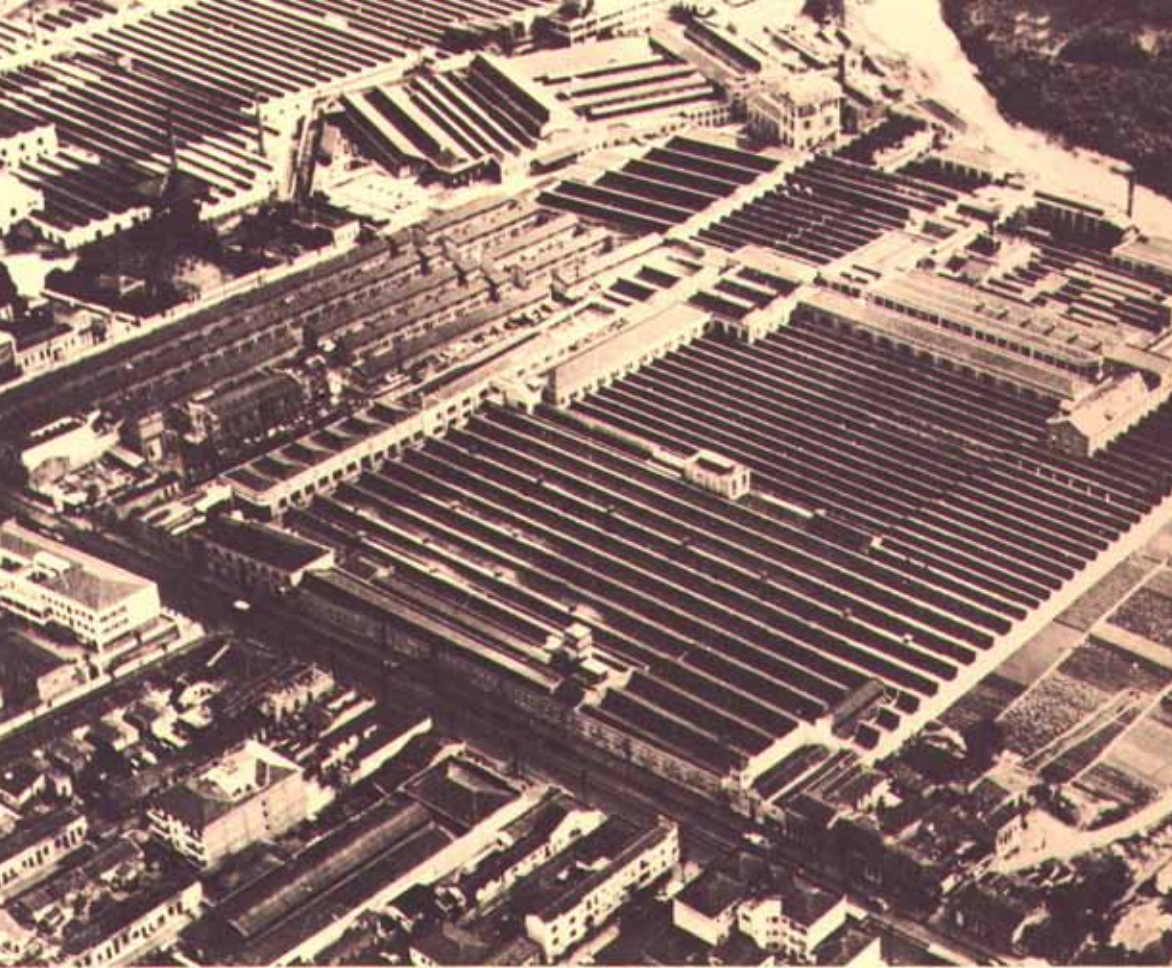
A Tecelagem Belenzinho foi construída para ser uma fábrica integrada e para produzir tecidos de qualidade superior aos da Mariângela. As obras foram iniciadas no final de 1911 (ANDRADE, 1991:173)<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> - No Álbum F. Matarazzo e Cia., publicado pela Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, consta uma boa descrição da fábrica de fósforos Sol Levante e do seu modo de produção.

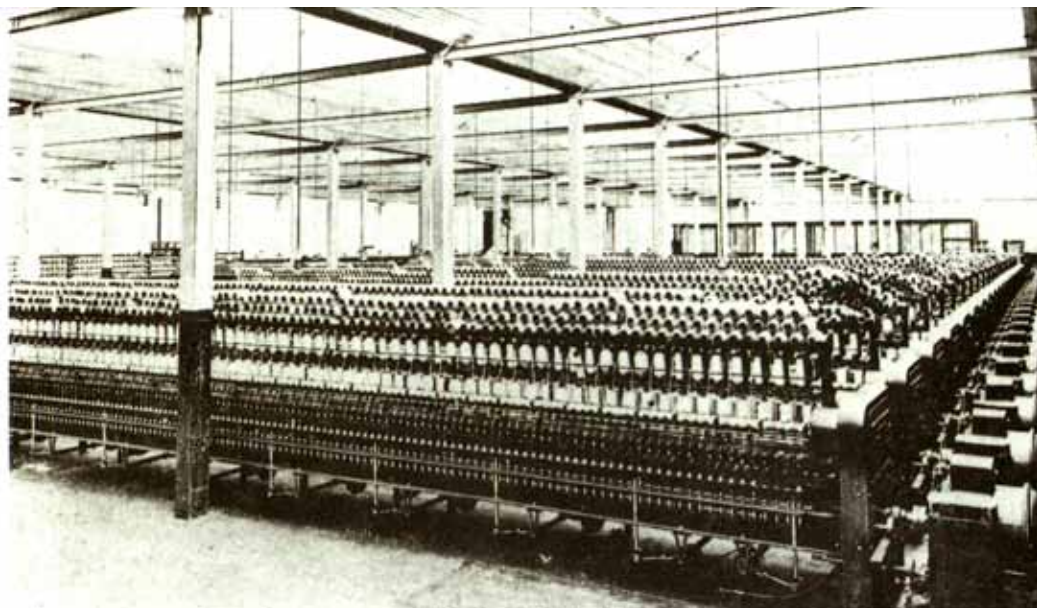
<sup>19</sup> - A Tecelagem Belenzinho era composta de fiação, estamparia, tinturaria e mercerização de tecidos. O seu edifício foi instalado na Avenida Celso Garcia até às margens do Rio Tietê, no bairro do Belenzinho. A área da fábrica ocupava 50.000 m<sup>2</sup>. Ela foi montada com 700 teares e 20.000 fusos e empregava 770 operários. Sua produção, em 1917, era de 12.000.000 de metros quadrados de tecidos de algodão (In Memoriam, s/d:15 e MANNING, 1919:472).





Vista aérea do Belenzinho, em São Paulo.

Fonte: LIMA, Jorge da Cunha et al. Matarazzo 100 Anos. São Paulo: CL-A Comunicações S/C Ltda, 1982.



Interior de um dos pavilhões da Tecelagem Belenzinho, em São Paulo, no início da década de 20.

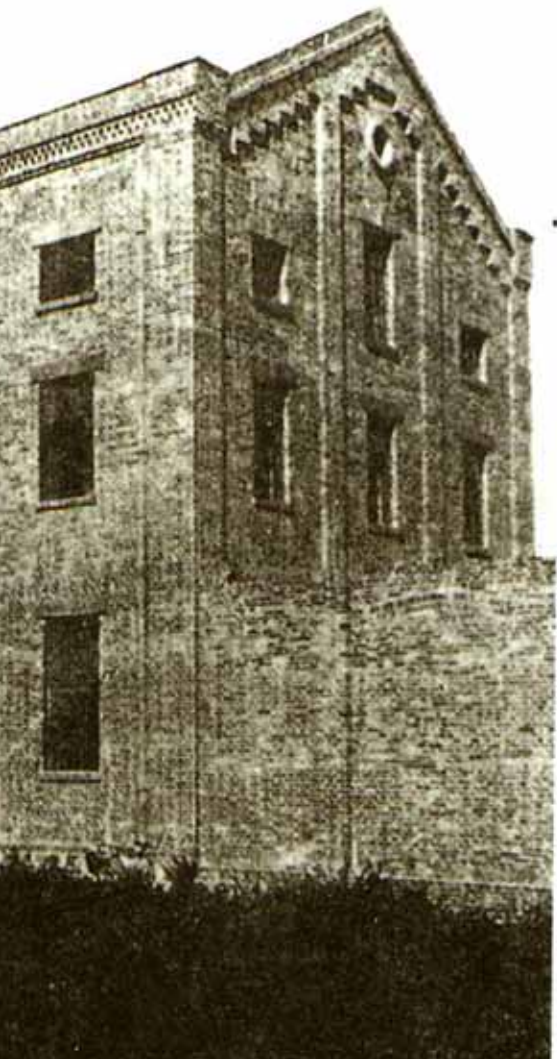
Fonte: MICELI, Paulo Celso. Além da fábrica: o projeto industrialista em São Paulo, 1928-1948. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1992.







AMIDIERIA MATARAZZO



Amideira Matarazzo no bairro Belenzinho em São Paulo.

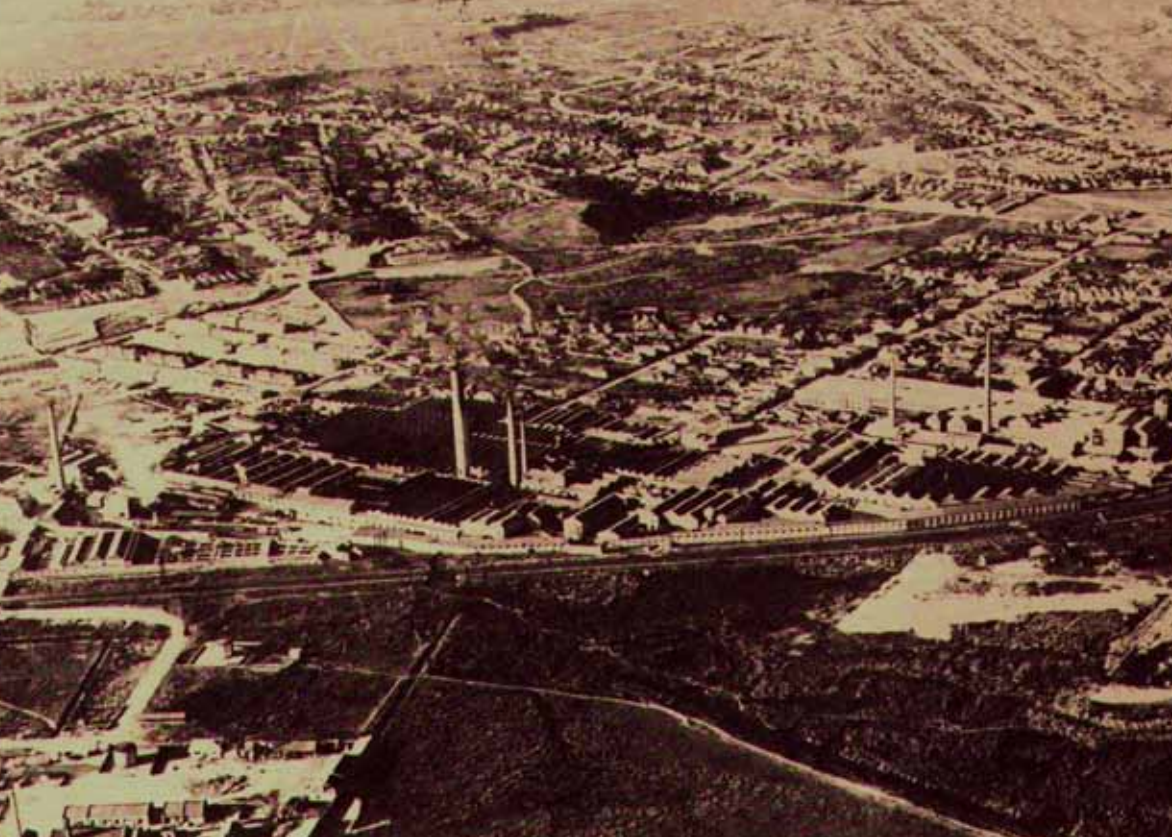
Fonte: MICELI, Paulo Celso. Além da fábrica: o projeto industrialista em São Paulo, 1928-1948. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1992.

A Amideira Matarazzo foi instalada também no Belenzinho, sendo inaugurada em 1914. Produzia amido de milho, arroz, trigo e mandioca. Os vários tipos de amido produzidos eram para o consumo doméstico, como os produtos "Cerealina", "Amido Matarazzo", "Amido Brillhante" e "Amido Explendor", e eram também utilizados nas tecelagens, para engomar os tecidos. Eram produzidos ainda produtos derivados do amido, como a glucose, a dextrina e o álcool. Francisco Matarazzo instala, para auxiliar a Amideira Matarazzo, uma fábrica de féculas de mandioca em Moreira César, porque o amido de mandioca é um produto similar ao amido de batata e importante para as tecelagens, ajudando nos trabalhos da produção. Transferiram as instalações de Moreira César para Caçapava, cidades essas próximas a São José dos Campos, também como fábrica de féculas. A transferência foi devido à grande produção de mandioca existente na região de Caçapava. Junto a essa fábrica, de instalações modernas, passava a Estrada de Ferro Central do Brasil. A fábrica possuía dois aparelhos de destilação, um para a fabricação de 5.000 litros de álcool e o outro para 2.000 de litros de álcool retificado Cartier 42o, por dia (Agenda Matarazzo, 1931:32-43). A produção anual da fábrica de Caçapava era de 2.000 toneladas de féculas de mandioca (In Memorian, s/d:356).

Em 1935, a IRFM compra a Tecelagem Ítalo-Brasileira de Sedas, fundada em 1907, por Crespi e Puglisi, que, em 1930, foi vendida para Guilherme Guinle. Posteriormente, o nome dessa fábrica foi alterado para Tecelagem Brasileira de Sedas, sendo considerada a maior tecelagem de seda natural do Estado, na época. A Tecelagem Brasileira de Sedas ocupou o conjunto de edifícios, existentes até hoje, nas ruas Joli e Sampson, no bairro do Brás. A sede administrativa das IRFM, hoje, ocupa um desses edifícios (In Memorian, s/d:356).

Depois de instalar unidades fabris no bairro da Mooca, como a fábrica de fósforos Sol Levante, o moinho de sal e uma unidade para a

refinação do açúcar, Francisco Matarazzo inicia a implantação do que seria o seu primeiro núcleo fechado. Em 1912, o grupo Matarazzo arrenda quatro fábricas da antiga Fábricas Reunidas Pamplona, localizadas no bairro periférico de São Paulo, São Caetano, absorvendo sua produção de sabão, velas, graxas e óleos lubrificantes. A IRFM iniciou as atividades da fábrica de pregos, em São Caetano, em 1913 e, em 1915, deu início à implantação do núcleo, que durante anos irá compor-se de Fábrica de Curtumes (1922), Fábrica de Rayon (1924), Fábrica de Papel, Papelão e Celulose (1930), Cerâmica Matarazzo – Louças Cláudia (1935), Fábrica de Ácidos (1936), Refinaria de Petróleo – I.M.Ê. (1938), Fábrica de Sulfato de Alumínio (1939), Fábrica de Soda Cáustica (1948), Fábrica de Acetileno (1954), Fábrica de Carbureto de Cálcio (1955), Fábrica de Ácido Sulfúrico (1961) e, a partir de 1977, inicia a desativação de parte dessas indústrias (GIANELLO, 2002:6-9). Foi construído, junto a esse núcleo, um conjunto de habitações populares (LIMA, 1982:39).



Vista aérea do núcleo Matarazzo em São Caetano, em São Paulo, em 1945.

Fonte: LIMA, Jorge da Cunha et al. Matarazzo 100 Anos. São Paulo: CL-A Comunicações S/C Ltda, 1982.



Vista de parte do núcleo Matarazzo em São Caetano, em 2001.  
Fonte: O autor.





Vista da fachada da Cerâmica Matarazzo – Louças Cláudia em São Caetano, em 2001.  
Fonte: O autor.

Com a construção de outro Moinho Matarazzo, em Antonina, no Paraná, em 1917, e querendo acompanhar o ritmo de crescimento industrial de São Paulo, Francisco Matarazzo, não satisfeito com o núcleo de São Caetano, adquire um terreno de 101.000 m<sup>2</sup> no bairro Água Branca, da antiga fábrica de licores da Cia. Antártica Paulista, que margeava as estradas de ferro da Sorocabana e da Inglesa, para implantar um núcleo que realmente marcou o auge da expansão das IRFM. Foram transferidas, em 1920, as fábricas de sabão, velas, estearina, oleína, glicerina e pregos, de São Caetano, a refinaria de açúcar da Móoca e a fábrica de óleo de caroço de algodão, anexa à Tecelagem Mariângela, e foram construídas uma serraria, uma caixotaria, uma carpintaria, uma marcenaria, uma fábrica de carrocerias e uma seção interna de transporte, composta de duas locomotivas, para o "Parque Industrial da Água Branca". Simultaneamente, começava a funcionar o frigorífico Jaguariaíva, na subsidiária do Paraná, e, em 1922, instala a Fábrica de Licores Matarazzo, no bairro do Brás, e inaugura uma seção de Cinema nas IRFM, encarregada de distribuir filmes norte-americanos em todo o país, sendo encerrada essa atividade por problemas de infra-estrutura, em 1932 (LIMA, 1982:40-48).

Com as IRFM de São Paulo consolidadas, Matarazzo consegue atingir o topo de sua produção, verificando-se, na publicação da Agenda Matarazzo, que as áreas de suas indústrias englobam 8.786.000 m<sup>2</sup> e ocupam mais de 7 mil operários; considerando-se que cada operário tenha uma família de cinco pessoas, na época, dependiam diretamente das IRFM aproximadamente 35.000 pessoas (LIMA, 1982:52).

As IRFM começaram a atuar em uma nova área, a da indústria química, com a construção da já citada Fábrica Viscoseda, em 1926, em São Caetano, que posteriormente foi alterada para Fábrica de Rayon Matarazzo. Em 1927, adquirem um novo estabelecimento na Água Branca, destinado à produção de louças, aparelhos sanitários e azulejos. Para



acompanhar a expansão do comércio, no mesmo ano, foi idealizada a instalação de armazéns na Capital, nos bairros da Vila Mariana, no Belenzinho e na Vila Pompéia, no interior do Estado, em Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto, e no Estado de Minas, em Juiz de Fora, que posteriormente se transformaria em uma das filiais das IRFM (LIMA, 1982:53-54).

Nos anos 30, Francisco Matarazzo, aproveitando o momento em que o Brasil era um dos grandes produtores de algodão, adquire a Tecelagem Santa Celina, no bairro do Belenzinho, e associa-se a uma fábrica de óleo de algodão e sabão em João Pessoa, na Paraíba. Grande parte da produção do algodão vinha de muitas plantações do interior paulista e Francisco Matarazzo, já com 80 anos, inicia a implantação de suas primeiras máquinas de descaroçamento e beneficiamento do algodão, próximas aos centros produtores de Avaré, Itapetininga, Catanduva, Bauru, Rancharia, Presidente Prudente, Bernardino de Campos, Marília e Ribeirão Preto.

Francisco Matarazzo falece em 10 de fevereiro de 1937. O filho do Conde, Francisco Matarazzo Jr., assumiu as responsabilidades do pai. O Conde Francisco Matarazzo Jr., que herdou de seu pai o título recebido do rei Italiano Vittorio Emanuele III, em 1917, assumiu formalmente, em 1937, o cargo de Diretor Presidente das Empresas Matarazzo (LIMA, 1982:77).

Francisco Matarazzo Jr. organizou, em sua gestão empresarial, o funcionamento das IRFM, e construiu muitos estabelecimentos no interior do Estado de São Paulo, como os beneficiadores do algodão, em São José do Rio Preto, São João da Boa Vista e Araçatuba; as tecelagens de algodão e seda, em Bauru, Campinas, Rio Claro e Ribeirão Preto, e as indústrias de extração de óleo vegetal, em Catanduva, Marília, Rancharia, Campinas e Araçatuba.

## CAPÍTULO 4: A CULTURA DO ALGODÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

A compreensão do processo de ocupação geográfica da cotonicultura paulista é importante para justificar o movimento de inserção das fábricas de algodão da Matarazzo no interior do Estado. Verifica-se que a empresa não estabeleceu suas indústrias por ordem do acaso, mas seguindo a melhor região e momento, a infra-estrutura restante da produção do café, o baixo custo da mão-de-obra e os baixos impostos dos municípios onde elas iriam ser construídas.

A expansão e o fortalecimento da cotonicultura, como resposta a crises do café, tem constituído um fenômeno recorrente na história econômica paulista. Em 1930, essa resposta se dá de forma diferente em relação aos surtos anteriores, por causa da intensidade e da qualidade da crise cafeeira dessa década. A crise de 30 não resultou numa queda imediata da produção do café, como se poderia esperar, nem na eliminação dos rendimentos ou falência dos cafeicultores, mas em uma brusca redução de sua taxa de expansão agregada, e no seu redirecionamento para novas áreas dentro e fora do Estado. O papel, nesse momento, a ser assumido em relação ao pólo de geração de lucros e centro da hegemonia política e econômica do país, em vez da cafeicultura, é feito pelo setor industrial (ALBUQUERQUE, 1983:144-145).

Simultaneamente, essa crise abriu as portas à necessidade de reorganização das formas de utilização e de posse da terra, e aqui o algodão teve papel fundamental. A fim de garantir o seu aproveitamento econômico e preservar o controle da sua propriedade, os fazendeiros, arruinados com a crise de 1929, iniciaram a fragmentação das suas terras, reservando as melhores porções, os espigões, para o café, e vendendo as regiões impróprias, os fundos de vales, para os sitiantes ou arrendando-as para a obtenção de uma renda anual, garantindo a posse da terra para um aproveitamento futuro. O algodão é a cultura que mais aparece ligada à pequena propriedade ou arrendamento (PENÇO, 1993:23).

O surto mais intenso da cotonicultura, em toda a história paulista, foi nos anos trinta. Multiplicou-se por 40 a área cultivada nessa época, onde em sete anos o algodão passou a ocupar pouco menos de um milhão de hectares, ou seja, quase a metade da área que o café levava cem anos para utilizar. Esse surto só se explica porque o algodão não se apoiou somente no desbravamento de novas áreas, mas utilizou-se tanto das áreas de cultivo que pertenciam ao café, como da infra-estrutura que o servia (ALBUQUERQUE, 1983:152).

A expansão da cotonicultura paulista explica o processo de inserção das fábricas de algodão Matarazzo. As indústrias Matarazzo de algodão, estabelecidas no interior do Estado de São Paulo entre 1920 a 1960, foram:

- |                         |                        |                          |
|-------------------------|------------------------|--------------------------|
| 1. Catanduva            | 7. Ribeirão Preto      | 13. Araçatuba            |
| 2. Avaré                | 8. Presidente Prudente | 14. Campinas             |
| 3. Bauru                | 9. Rancharia           | 15. Presidente Venceslau |
| 4. Itapetininga         | 10. Marília            | 16. Votuporanga          |
| 5. Rio Claro            | 11. S.José Rio Preto   | 17. São J. dos Campos    |
| 6. Bernardino de Campos | 12. São João Boa Vista |                          |

Além do algodão, o caroço era transformado em subprodutos, como óleo e tortas, que valiam muito mais que o insumo inicial óleos e tortas. (ALBUQUERQUE, 1983:176). O desenvolvimento da indústria de óleo de caroço de algodão entre as décadas de 1920 a 1930 é bem ilustrado nos dados das exportações de descaroçadores de algodão e de máquinas para fábricas de óleo dos Estados Unidos para o Brasil, além dos efeitos dos incentivos da década de 1920, que são vistos pelo aumento marcante na importação de máquinas a partir de 1924, nos dados a seguir:

Exportações de descaroçadores de algodão e máquinas para fábricas de óleos vegetais dos Estados Unidos para o Brasil, 1922/39. Libras esterlinas, preços de 1913 (médias anuais)

---

Períodos	Descaroçadores	Máquinas p/ fábricas de óleo
1922-1923	6.117	543
1924-1929	12.474	3.093
1930-1933	9.045	2.463
1934-1939	105.320	35.370

---

Fonte: (SUZIGAN, 2000:341 e 372-383).

Vê-se, nesses dados, que o maior avanço ocorreu na década de 1930, especialmente no período 1934-1939, o que faz compreender o período da instalação das indústrias Matarazzo de algodão no Estado, principalmente suas fábricas de óleo, que vão de 1938 a 1960. Para finalizar essa síntese sobre a cultura do algodão no Estado, suas fábricas de óleo e suas usinas de beneficiamento do algodão, vistas paralelamente com as fábricas de algodão Matarazzo, entende-se que o algodão, da metade da década de 1930 ao seu final, foi, sem dúvida nenhuma, um importante produto de exportação. O Brasil foi, assim, o maior exportador mundial de algodão e, também, no final da década de 1930, de seu subproduto, o óleo de caroço de algodão.

## CAPÍTULO 05: AS INDÚSTRIAS MATARAZZO EM RIBEIRÃO PRETO

### A SOCIEDADE INDUSTRIAL TEM MEMÓRIA?

...o conjunto dos objetos que nos rodeiam (...) representa uma experiência vivida (...) permanece com o usuário e é insubstituível (...) coisas que envelhecem conosco (...) dão a pacífica impressão de continuidade... Tudo fala (...) esses objetos povoam a memória... As pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória.

Ecléa Bosi (1979)



Fachada posterior da  
Algodoeira Matarazzo.  
Ribeirão Preto,  
setembro de 2007.  
Foto do autor.

Fiquei me indagando e em busca de lembranças sobre a fábrica Matarazzo/Cianê, antes do meu contato com ela enquanto pesquisador. Qual lembrança entremeada em minha memória eu teria sobre essa fiação e tecelagem? Como uma reverberação alucinante lembrei-me espantado de uma cena vivenciada constantemente, sempre em passagem na parte fronteira da Matarazzo/Cianê, há muitos anos – a monumental montanha de toras de madeira empilhadas. Afinal, aquele espaço não seria uma fábrica têxtil? Porque existiriam numerosos troncos de madeira ali? E porque naquela vastidão? A investigação inicial foi feita. <sup>1</sup>Realmente, as madeiras ali abasteciam as caldeiras da fábrica e da cozinha. A minha apreensão resultante desse espaço, incorporado o ontem e o presente, realmente é expressada por sua magnificência, monumentalidade e grandeza, ainda que apenas e temporariamente por sua materialidade.

---

1- Informações obtidas por meio de conversas informais com o amigo e ex-funcionário da Cianê, Antônio Lopes da Silva – responsável pela secção de pano, entre 1984 a 1994.

# ALGODOEIRA MATARAZZO

**Diário da Manhã**  
Ribeirão Preto, domingo, 23 de dezembro de 1934

## As Industrias Matarazzo

Vão dar grande desenvolvimento às suas actividades em nossa cidade, estabelecendo aqui importantes fabricas

As Industrias Matarazzo vem sendo de ha muito, um indice seguro e expressivo do progresso de São Paulo.

Pode-se dizer mesmo que Matarazzo significa dynamismo em todas as multiplos manifestações da actividade paulista, na industria, no commercio, na lavouara.

No magnifico parque industrial de São Paulo — o maior da America do Sul — Matarazzo occupa o primeiro lugar.

O surto formidavel da industria paulista nasceu com Matarazzo e vai-se ampliando com elle em passos gigantescos que não conhecem obstaculos.

O Conde Matarazzo é o idealizador e o animador de toda essa formidavel actividade que não conhece similar no continente sul-americano.

Sob as vistas e direcção desse espirito de semeador de fabricas, São Paulo possuiu-se de milhares de chaminés.

Matarazzo é um mundo denso e tórrido de São Paulo!

Para Ribeirão Preto, o grande industrial volta agora as suas vistas, animado do desejo de dar vulto ás suas actividades entre nós.

Axim é que as industrias Matarazzo acabam de adquirir nesta cidade um amplo terreno — um quarteirão — entre as ruas Saldanha Marinho, José Bonifácio, Campos Salles e Prudente de Moraes para all installar, no proximo anno, grandes e modernas fabricas de beneficio de algodão, de azeite, de extracção de kerosene, e outras que virão concorrer para que Ribeirão Preto resurgir do marasmo em que vive.

O que essa iniciativa representa para a nossa terra é facil de se conjecturar: será o principio de uma era de novas e promissoras actividades.

Opportunamente daremos informes completos sobre as fabricas iniciadas das Industrias Matarazzo entre nós.

## Os agenciadores

(Continuação da 1.ª pagina)

Alli, graças aos e forcos da parte sadia da classe medica e da policia, poude ser sanada, quasi por completo, a vergunhosa caça aos duendes". Só fallava em Ribeirão Preto a mesma providencia para pôr termo ao estenophobias da medicina. A nós não compete buscar a «monca de Uganda». Limitamo-nos, apenas, a apontar a policia e aos medicos que não fogem á critica profissional e que não pactuam com essa conduta demoralizadora, os elementos que diagnosticam com a peçonha.

Não raro, temos visto, pobres enfermos, vindos de cidades vizinhas á procura de determinado

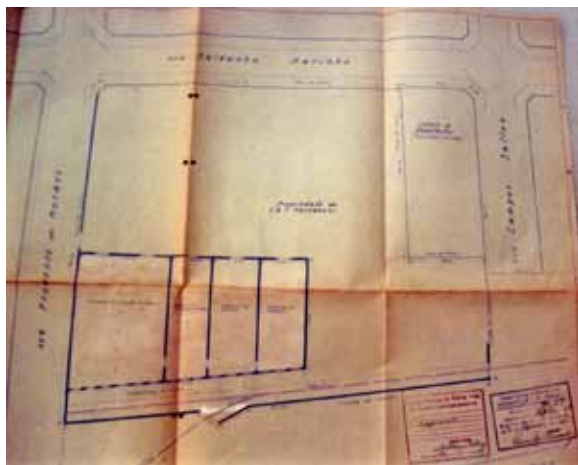
Em dezembro de 1934, o Diário da Manhã, de Ribeirão Preto, informava que a empresa Matarazzo adquiriu, nos fins de 1934, um terreno entre as ruas Saldanha Marinho, José Bonifácio, Campos Salles e Prudente de Moraes, formando uma quadra, no centro da cidade, perto da estação ferroviária da Companhia Mogiana. Para esse local, estava prevista, para o ano de 1935, a construção de uma fábrica para o benefício de algodão e de azeite e para a extração de querosene.<sup>2</sup>

2 - Diário da Manhã, Ribeirão Preto, 23/12/1934. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Confrontando esses dados com a relação dos processos de exercício da cidade, que contém plantas e memoriais descritivos da indústria de algodão Matarazzo, é possível estabelecer uma data mais aproximada de sua instalação. A planta número 27/35 foi aprovada pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, em 13 de março de 1935. Foi a planta mais antiga encontrada, destinada à construção de prédios para depósitos e instalação de máquinas para beneficiar algodão, de propriedade da IRFM (Indústrias Reunidas F. Matarazzo), comandada por Francisco Matarazzo. O autor do projeto e responsável pela execução da obra foi o arquiteto Francisco Verrone.<sup>3</sup> É importante salientar que a autoria e execução da maioria dos projetos encontrados da Algodoeira Matarazzo são de autoria desse arquiteto.

Para compreendermos espacialmente a localização do primeiro edifício Matarazzo construído em Ribeirão Preto, temos a seguinte planta:



Planta de situação da primeira edificação da Matarazzo para beneficiar algodão, que está inserido na quadra das ruas citadas e dividido em 4 partes: a primeira, à esquerda, galpão para depósito de algodão em caroço em seguida, sala dos descarocadores, depois, depósito de fardos e, por último, à direita, depósito de caroços. É importante ressaltar a existência de uma plataforma na frente desse edifício, que dá acesso a um desvio dos trilhos da Companhia Mogiana, e de um lote dentro dessa quadra, no canto superior direito, onde existiam casas de habitação de propriedade privada.



Detalhe da fachada da sala dos descaroadores. Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo Carvalho

3 - Esse arquiteto foi um dos profissionais responsáveis por parte substancial da construção das fábricas da S. A. Industrias Reunidas F. Matarazzo, no interior paulista. Além da atribuição de arquiteto, com carteira do CREA no 2636, expedida pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 6a Região de São Paulo e Mato Grosso, antes de 31 de dezembro de 1936, ele tinha licença para exercer algumas atribuições da competência de um engenheiro industrial, como:

- estudo, projeto, direção, execução e exploração de instalações industriais, fábricas e oficinas;
- estudo e projeto de organização e direção das obras de caráter tecnológico dos edifícios industriais;
- assuntos de engenharia legal, como trabalhos topográficos e geodésicos;
- vistorias e arbitramentos relativos às atribuições acima (1937:133, 201, 205 e 249).



Fachada dos fundos do edifício para beneficiamento do algodão (à direito da foto). Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo Carvalho.

O próximo edifício industrial construído dentro dessa quadra, levando em consideração as datas de aprovação das plantas da Matarazzo pela Reparação de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, foi um Depósito de Sal, aprovado em 14 de maio de 1935.



Fachada do Depósito de Sal. Nota-se a presença, nessa data, de parte dos caixilhos originais. Ribeirão Preto, novembro de 2000. Foto do autor.

Fachada posterior do Depósito de Sal. Ribeirão Preto, novembro de 2000. Foto do autor.



A arquitetura industrial presente no edifício para beneficiamento do algodão e nos dois galpões para depósito de sal apresenta uma simplicidade formal, mas ainda presa a uma ornamentação de descendência classicizante - marcada tardiamente pelo padrão estilístico do período anterior, como o Neoclassicismo (estilo oficial do Império) e pelo corrente Ecletismo.

Ela é caracterizada pela presença de um grande galpão composto de vários módulos. Somados a esse galpão principal, outros edifícios isolados e menores, serviam de apoio, formando o núcleo fabril. A cobertura não é única; cada módulo possui telhado em duas águas e muitos têm a presença do lanternim, em veneziana e vidro.

A fachada desses galpões da Algodoeira Matarazzo é formada pela marcação de cada módulo através de molduras salientes verticais e horizontais, como pilastras, sobrevergas, cimalthas e pelas linhas diagonais presentes no contorno de frontões e oitões dos lanternins. A composição de aberturas segue a ordem da simetria, com portas e caixilhos de madeira e vidro intercalados, que formam um conjunto rítmico de cheios e vazios. Outros elementos de derivação clássica presentes são as janelas em arco pleno com sobrevergas, aduelas e óculos.

O aspecto estético resultante dessa arquitetura industrial produz em nós um olhar de interesse e curiosidade<sup>5</sup>, principalmente por sua coloração vermelha presente nos tijolos aparentes, e também por sua imponente construção. Essa arquitetura fabril é conhecida como "inglesa" ou britânica manchesteriana, com fachadas típicas de tijolos vermelhos, estrutura sóbria e simetria de planos.<sup>6</sup>

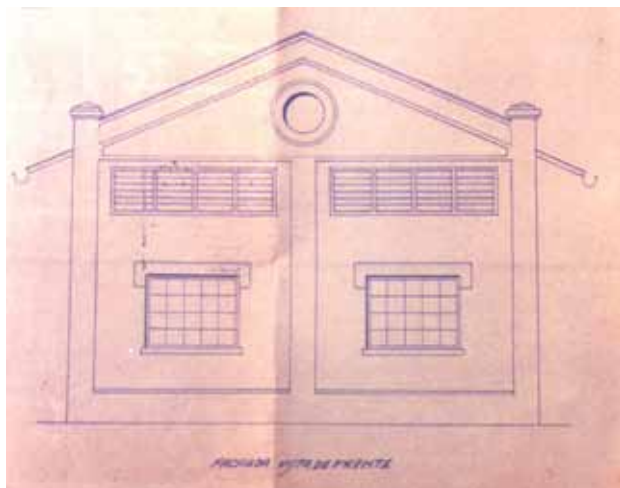
O tijolo aparente "...apareceu somente no século XIX, por influência dos ingleses, começando, quase certamente, nas estações ferroviárias" (REIS FILHO, 2002:158, 159).

Os materiais utilizados na construção desses pavilhões foram alvenaria de tijolos cerâmicos aparentes, assentados com argamassa de cal, cimento e areia. A cobertura era de telhas cerâmicas nacionais tipo "Marselha" e o barroteamento de peroba, com tesouras em madeira rígida. Os pilares de sustentação, na maioria, eram de madeira e depois em concreto armado. Os caixilhos das janelas de tipo guilhotina e as portas eram também em peroba. A iluminação interna era feita por energia elétrica e as águas e o esgoto eram recolhidos por canalização.

Na seqüência, outro edifício industrial é instalado nesse núcleo fabril Matarazzo, agora destinado a Armazém e Casa de Moradia, situado no ângulo das ruas Saldanha Marinho e Prudente de Moraes, da quadra adjacente. Sua aprovação pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto foi em 23 de outubro de 1935.

Outro depósito, agora de inflamáveis e outra edificação para a destilação de querosene também foram inseridos nesse núcleo fabril, conforme a aprovação da planta pelo município em 1935.

Respectivamente, em 4 de abril de 1936, 13 de julho de 1939, 1943 e 1944 foram aprovadas pela Câmara Municipal as seguintes plantas: instalação de uma Fábrica de Óleo de caroço de algodão, construção de um Depósito de Algodão, construção de um segundo Depósito de Algodão e um aumento de cômodos.



Planta da fachada da fábrica de óleo. Fonte: Planta 29/36, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

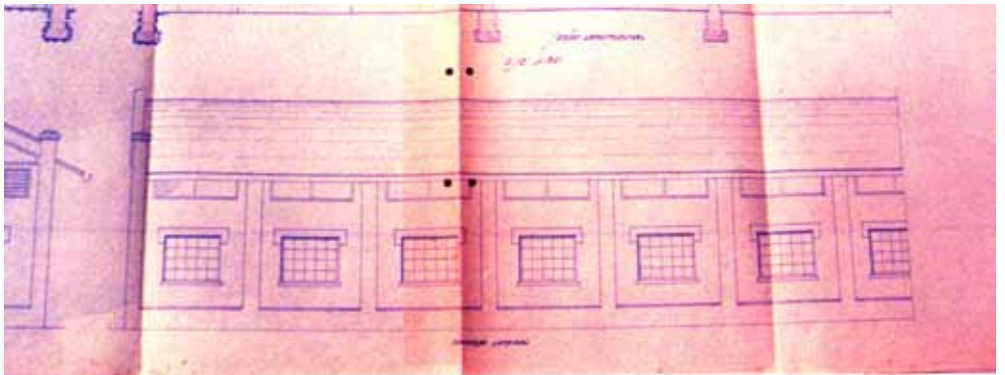
5 - É importante ressaltar a presença incomum dessa tipologia inglesa na cidade, pois além do Depósito de Sal, só existem em algumas estações de trem, como a do Barracão.

6 - Definição de Hardman e Leonardi (1991:133, 134).





Detalhe da fachada posterior do Depósito de Algodão. Ribeirão Preto, 1985. Foto de Rita Fantini e Onésimo Carvalho.



Fachada lateral do edifício destinado a instalação de uma fábrica de óleo. Fonte: Planta 29/36, do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Vemos pelas imagens anteriores que a fábrica de óleo de caroço de algodão (1936) e a fachada posterior do depósito de algodão (1939), apresentam uma linguagem arquitetônica próxima das primeiras edificações desse núcleo fabril: alvenaria de tijolos aparentes e ornamentação classicizante.

Já no segundo Depósito de Algodão há uma clara mudança na arquitetura, que corresponde a estética sóbria, geometrizada e escalonada do Art-Déco. Construído na década de 1940, distancia-se e nega as tipologias arquitetônicas historicistas, apresentadas até então no núcleo fabril, como uma atualização estilística para a “modernidade” frívola do Art-Déco.

Foto aérea do núcleo fabril Matarazzo, no centro de Ribeirão Preto. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.







Antigo pátio na Rua Prudente de Moraes. Foto de Rita Fantini e Onésimo Carvalho.

Através do relato a seguir, constata-se que a Algodoeira Matarazzo, em 1945, diversificou e ampliou seus setores de produção iniciais, implementando também a fiação e tecelagem de seda. O número de máquinas e operários é uma amostra da vultuosidade desse núcleo fabril em Ribeirão Preto.

## FIAÇÃO DE SEDA

O repórter esteve a seguir na fiação e tecelagem de seda, também das I. R. F. Matarazzo, funcionando na cidade, a rua Saldanha Marinho. Os antigos salões, amplos e arejados, utilizados pela maquinaria de beneficiar algodão foram reformados e ali instalados e já em pleno funcionamento 80 teares, devendo ser elevado para 200, para uma produção de 5.000 metros de seda e rayon diariamente, necessitando de 500 operários.<sup>7</sup>

7 - A Tarde, Ribeirão Preto, 1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

## CAPÍTULO 3: AS INDÚSTRIAS MATARAZZO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em 1881, chegou ao Brasil Francisco Matarazzo, com 27 anos. Estabeleceu-se em Sorocaba, cidade importante nessa época, como centro tropeiro e estação terminal da Estrada de Ferro Sorocabana, onde deu início à criação e comercialização de suínos. Em pouco tempo, Matarazzo abriu uma casa comercial, em 1882, na rua da Penha, onde vendia a banha refinada de seus porcos, aproveitando o fato de a maior parte da banha consumida no Brasil ser importada. Algum tempo depois, Francisco instalou em Sorocaba uma fábrica de banha, seguida por outras duas, uma em Capão Bonito e outra em Apiaí, cidades essas localizadas na região de Sorocaba (RUST, 1934:28 e MARTINS, 1973:19, 20). Na época da instalação dessas fábricas, entre 1882 a 1890, não existiam estradas de ferro que ligassem Sorocaba a essas cidades. O transporte da banha e da carne de porco produzidas nessas fábricas era,

Um fato interessante descoberto na pesquisa foi que quase todas as cidades do interior paulista que possuíam uma indústria Matarazzo receberam, pelo menos uma vez, a visita do conde Francisco Matarazzo. Essa atitude representava, para a comunidade local, um importante evento, como vemos a seguir:

Em Ribeirão Preto, onde estive antehontem, foi o conde Matarazzo recebido com honras de hospede official. Os commerciantes italianos fecharam suas casas ás 4 horas, enbandeirando as, em homenagem ao grande industrial. A visita do conde Matarazzo a Ribeirão Preto foi um facto marcante na vida daquela cidade. É que o espirito dynamico e progressista do lider da nossa industria já se fez sentir em Ribeirão Preto, onde a organização Matarazzo, incrementando o progresso local, dá trabalho a varias centenas de operários.<sup>8</sup>

## QUANDO MATARAZZO DESCOBRIU RIBEIRÃO



*A VISITA DO CONDE FRANCISCO MATARAZZO a Ribeirão Preto na década de 30 foi um grande acontecimento para a cidade. O famoso e milionário industrial foi hospede do cav. Paschoal Innechi e em sua curta permanência entre nós andou pelo centro da cidade em companhia de seu anfitrião e do sr. José Rossi, ex-diretor presidente da Companhia Cervejaria Paulista, de José Gonçalves de Mattos e do então diretor do vespertino A Tarde, jornalista Machado Sant'Anna, todos vistos na foto ao lado do Conde Matarazzo.*

A visita do Conde Francisco Matarazzo a Ribeirão Preto na década de 30 foi um grande acontecimento para a cidade. O famoso e milionário industrial foi hospede do cav. Paschoal Innechi e em sua curta permanência entre nós andou pelo centro da cidade em companhia de seu anfitrião e do sr. José Rossi, ex-diretor presidente da Companhia Cervejaria Paulista... (CIONE,1993:446). O conde Matarazzo está no centro da foto, com chapéu à mão.

Das estruturas remanescentes da Algodoeira Matarazzo há apenas um dos dois galpões do Depósito de Sal e as edificações do antigo Armazém e Habitação. Partes da fachada e do telhado do galpão do Depósito de Sal foram tombadas pelo CONPPAC (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural) em 2007 e hoje está abandonada, bem deteriorada e sem nenhum tipo de armação para a conservação dessas estruturas preservadas. Os edifícios do Armazém e da Habitação sofreram intervenções pelo tempo para novos usos e hoje se encontram desfigurados.

## FIAÇÃO E TECELAGEM MATARAZZO

O jornal A Tarde, em 27 de novembro de 1945, informava:

Ribeirão Preto - novo centro industrial

As obras de Matarazzo no bairro do Barracão alcançarão a Cr. \$ 200.000.000,00.

Em companhia do dr. Domingos B. Spinelli, gerente das I. R. F. Matarazzo tivemos oportunidade de visitar, na manhã de hoje, as obras que a poderosa firma está executando

no bairro do Barracão, em terreno adquirido na gléba entre as ruas Patrocínio e Pernambuco, numa area de seis alqueires.

DENTRO DE 10 MESES

Os trabalhos de alicerces estão em aceleração, devendo receber a pedra dentro de dois dias. Já foram adquiridos ..... 6.000.000 de tijolos e para estar tudo pronto dentro de 10 meses, serão utilizadas tres turmas, em 24 horas, consecutivas, sendo a iluminação fornecida através de ligação feita e hoje terminada (...)

2.000 OPERARIOS

Segundo soubemos, serão utilizados, por enquanto, nas obras 500 pedreiros, carpinteiros, serventes, etc. e depois de prontas, cerca de 2.000 teceões e fiadores, para uma produção de 100.000 metros diários.

## ASSISTENCIA SOCIAL

Tivemos oportunidade de ver as plantas do pavilhão destinado á assistencia social. O refeitório para as operarias mede 44x25 metros (do tamanho do "ginasium do Estadio).

Ao lado estão as salas de medico, consultorio, enfermaria, farmacia, sala de amamentação e berçario (8 mts. 35 x 10 mts. 35), para as mães operarias. Ha ainda a sala do Deposito de Leite, para as crianças de mais de um ano.

Notamos com satisfação essa parte, pois revela a nova mentalidade com relação á assistencia á operaria. Tudo com bastante espaço e conforto.

Na frente ha uma praça de 75 mts. por 120 mts. toda gramada e entre o primeiro e segundo lance, um espaço livre de 25 x 40 metros, para festejos, sessões, etc.<sup>9</sup>

O jornal A Tarde, no dia seguinte:

Um novo bairro que surge

Comentamos ontem, prazerosamente, a gigantesca obra que as I. R. F. Matarazzo estão erguendo no Barracão, entre as ruas Patrocineo e Pernambuco, numa area de seis alqueires, em tres monumentais edificios medindo cada um 160 metros de comprimento por 60 metros de largura e onde será instalada a mais perfeita e moderna fabrica de fiação e tecelagem de algodão da America do Sul. Sendo a sua produção diaria de 100.000 metros diarios. As obras deverão estar prontas dentro de 10 meses, devendo ser inauguradas em outubro de 1946:<sup>10</sup>

9 - A Tarde, Ribeirão Preto, 27/11/1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

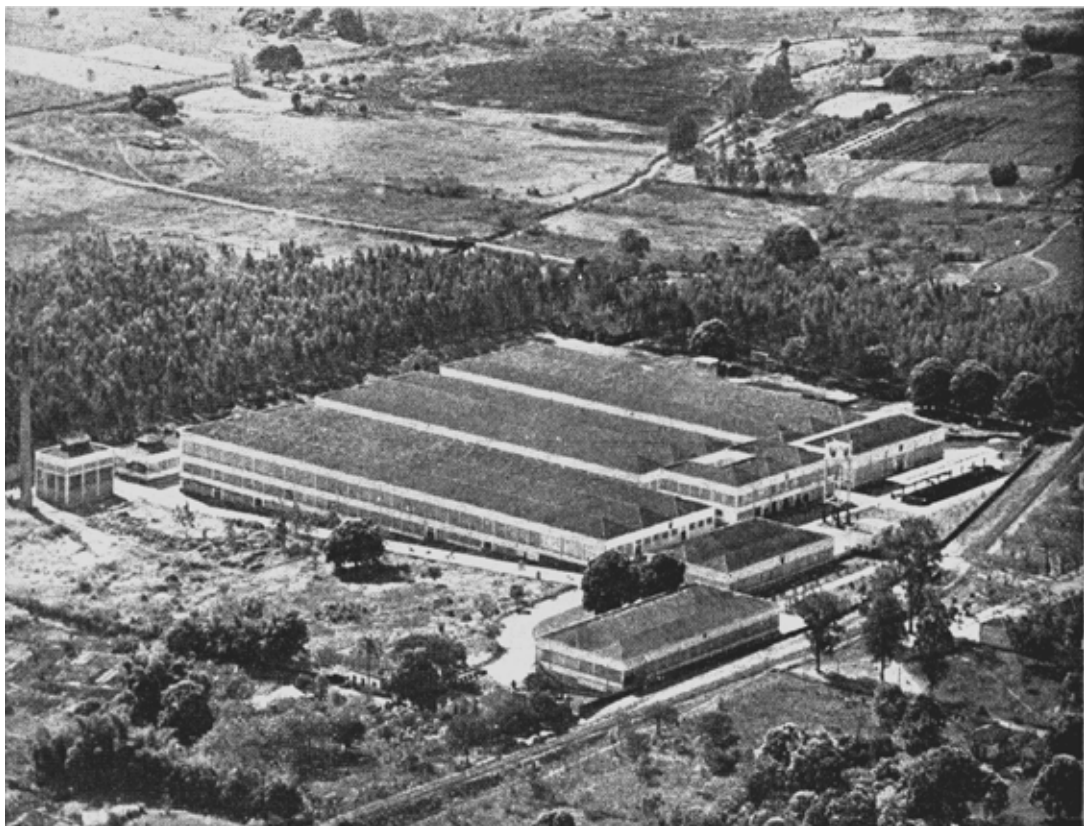
10 - A Tarde, Ribeirão Preto, 28/11/1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

Diferente da Algodoeira Matarazzo (1935) instalada por Francisco Matarazzo - "o conde" no centro da cidade, a Fiação e Tecelagem (1946) do Campos Elíseos será uma iniciativa do seu filho, Francisco Matarazzo Júnior - "o conde Chiquinho".

Sabe-se que a construção da fiação e tecelagem já estava em andamento, em novembro de 1945, e o terreno adquirido tinha cerca de seis alqueires (151.200,00 m<sup>2</sup>). Os três grandes galpões e demais dependências atingiriam uma área de 75.600,00 m<sup>2</sup>. Estava prevista a inauguração da indústria para outubro de 1946.

Em 18 de janeiro de 1946 são aprovadas, pela Repartição de Obras da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, as plantas para a construção da Fiação e Tecelagem Matarazzo. A indústria foi instalada na periferia da cidade, entre a Estrada de Ferro São Paulo-Minas e o córrego Ribeirão Preto. O autor do projeto e responsável técnico foi o engenheiro civil Mário Calore.

Faziam parte do projeto desse núcleo fabril, um Escritório, um pavilhão de Preparação da Fiação, um pavilhão da Fiação, um pavilhão da Tecelagem, um Almoxarifado, um Refeitório e a Casa das Caldeiras com sua chaminé.



Vista geral da Fiação e Tecelagem Matarazzo. Ribeirão Preto, anos 50. Fonte: CONTE e SANTO: s/d, s/p.



A Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto ordenou a abertura de uma rua que começava na frente da fábrica indo até a Avenida Saudade, uma importante via de acesso da cidade. Posteriormente, essa nova rua foi denominada Rua Conde Francisco Matarazzo.

Através dessa medida, que é de alto interesse, o tráfego tornar-se-á inteiramente fácil naquele trecho, bem como sensivelmente aumentado, bem como ganharão, ainda, os proprietários dos terrenos próximos, que ficarão mais valorizados, a também os moradores, que terão mais facilidade de locomoção.<sup>12</sup>

Outro favorecimento da Prefeitura Municipal ocorreu em março de 1946. A IRFM requereu, junto ao prefeito, a isenção do pagamento dos emolumentos municipais da indústria. Pela lei, não havia nenhum meio que autorizasse o pedido da IRFM, mas como o município já havia concedido esse tipo de isenção, o prefeito autoriza o requerimento da Matarazzo. Os valores eram de Cr\$ 31.867,50 e Cr\$147,00. O prefeito justificou, ainda, que:

... iniciando a construção de prédios de grande vulto, não só inaugura a construção do parque industrial de nossa cidade, há tanto tempo reclamado por todos, como, também, cria a possibilidade de emprego de centenas de operários.<sup>13</sup>

12 - Diário da Manhã, Ribeirão Preto, 18/01/1946, p. 08.

13 - Requerimento anexo à planta número 70 de 1945. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Essas ações “facilitadoras” com a empresa Matarazzo são resultado de sua representatividade no imaginário da comunidade das cidades do interior paulista como sinônimo de progresso, poderio econômico e status. Também era comum que autoridades locais nomeassem ruas e praças com o nome do Conde Francisco Matarazzo ou do seu filho, o Conde Francisco Matarazzo Jr. - como ocorreu em Ribeirão Preto. É nesse sentido, que a presença das indústrias Matarazzo ultrapassa os muros da fábrica, para se inscrever na trama urbana da cidade.

Pela inserção de uma indústria de grande porte em um bairro periférico em formação, as transformações no solo urbano foram inevitáveis, como a abertura da citada rua Conde Francisco Matarazzo e a máxima divisão das quadras adjacentes à indústria em lotes pequenos e, portanto, a baixo custo, mais acessíveis aos operários. Os lotes dessas quadras eram estreitos e compridos, formando as conhecidas travessas de bairros industriais, com ruas de paralelepípedos (VICHNEWSKI, 1999:14-33).

A fábrica teve, em seus anos posteriores, a construção de inúmeras edificações anexas, com outras tipologias arquitetônicas, materiais e sistemas construtivos. As obras, tanto da indústria como de outras edificações complementares, foram finalizadas em meados de 1951, conforme as datas de aprovação das plantas junto à prefeitura.<sup>14</sup>

Pelo projeto original a edificação destinada ao Refeitório da tecelagem Matarazzo teria uma divisão espacial entre homens e mulheres. O Vestiário, também foi dividido, com 400 vestiários para a turma da fiação e mais 400 para a turma da tecelagem. Completava esse edifício o Depósito no térreo e a Garagem subterrânea. Posteriormente toda essa edificação foi alterada para outras funções, ficando fora do núcleo industrial.

---

<sup>14</sup> - Plantas 220/46, 258/46, 265/46, 378/48 e 1002/51. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

No edifício do Escritório da fábrica (pavimento superior) iriam ser instalados, no térreo, vários serviços de assistência aos operários como, sala de médico, consultório, enfermaria, farmácia, sala de amamentação, berçário, depósito de leite e sanitários.<sup>15</sup>

Além dos serviços de assistência citados, Matarazzo Júnior, como a maioria de outros industriais da época, inseriu equipamentos sociais na área envoltória da fábrica. Nesse caso, a ocupação do território próximo à indústria iniciou-se quando Matarazzo Júnior, no mesmo tempo da construção da indústria, mandou construir também diversas habitações para os operários qualificados da tecelagem - em sua maioria de origem italiana<sup>16</sup> - instaladas ao redor da Praça "Francisco Matarazzo" defronte à indústria. Outro equipamento coletivo foi o clube esportivo Associação Atlética Matarazzo, investimento este, realizado próximo à indústria e equipado com quadras de futebol, uma quadra coberta, pistas de bocha e área de lazer.

O primeiro conjunto de residências para operários segue a tipologia de dois pavimentos, com seis sobrados geminados, construídos em dezembro de 1946 pelo engenheiro civil Manoel Sant'Anna Melo. No mesmo ano foram construídas, ao lado, três residências térreas e uma outra de esquina, também projetadas por Sant'Anna Melo. Em 1951, outro conjunto de residências, com quatro sobrados geminados, foi construído, projetado pelo engenheiro civil Francisco da Nova Monteiro. No total, quatorze famílias poderiam ser abrigadas naquela vila operária.<sup>17</sup> Essas habitações ainda existem, e a única que foi demolida pertencia ao conjunto de quatro sobrados geminados. O uso atual das restantes é misto com habitação, serviços e comércio.

---

15 - Planta 323 de 1946. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

16 - Para o início do funcionamento da Fiação e Tecelagem Matarazzo foi importado da Itália o elemento humano, desde o diretor até o chefe de tecelagem, como também a maioria das máquinas (CIONE, 1996:46).

17 - Plantas 265/46, 258/46 e 220/46. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

O primeiro conjunto de residências para operários segue a tipologia de dois pavimentos, com seis sobrados geminados, construídos em dezembro de 1946 pelo engenheiro civil Manoel Sant'Anna Melo. No mesmo ano foram construídas, ao lado, três residências térreas e uma outra de esquina, também projetadas por Sant'Anna Melo. Em 1951, outro conjunto de residências, com quatro sobrados geminados, foi construído, projetado pelo engenheiro civil Francisco da Nova Monteiro. No total, quatorze famílias poderiam ser abrigadas naquela vila operária. Essas habitações ainda existem, e a única que foi demolida pertencia ao conjunto de quatro sobrados geminados. O uso atual das restantes é misto com habitação, serviços e comércio.

Alguns dos funcionários que iniciaram os trabalhos na tecelagem Matarazzo ajudaram na construção do primeiro galpão até o último, como também na construção da praça, das residências dos diretores e técnicos e do campo de futebol de quadra da Associação Atlética Matarazzo. Os operários residentes na vila operária não pagavam aluguel e os que não moravam na vila recebiam uma ajuda financeira da Matarazzo para construir suas casas nos Campos Elíseos<sup>18</sup>.



Edifício de seis casas geminadas. Ribeirão Preto, janeiro 2000. Foto do autor.

18 - Entrevista realizada em junho de 2000 com o senhor Ângelo Pelicani, que foi diretor técnico da tecelagem Matarazzo e residiu por seis anos nas residências dos diretores.

A Fiação e Tecelagem Matarazzo foi à falência em novembro de 1981 e foi adquirida pela Companhia Nacional de Estamparia (CIANÊ). Em 1994, foi a Cianê que decretou sua falência, devido a concorrência dos tecidos importados. No mesmo ano, a tecelagem foi tombada pelo município, pela Lei no 6.826, de 9 de junho de 1994, com a finalidade de ser reerguida pelos próprios funcionários, e também pela sua grande importância histórica e cultural.

Em maio de 2002, a tecelagem foi destombada, pela Lei no 9.567, para ser instalada, no local, uma rodoviária. Houve uma reação da população da cidade contra a demolição da indústria e a instalação da Rodoviária naquele local. Desde então, encontros e discussões entre entidades e órgãos públicos envolvidos trabalham para garantir a preservação e uma função social digna para essa indústria.

Em 2004, parte do terreno e dos remanescentes da Fiação e Tecelagem Matarazzo/Cianê - de propriedade do Banco Itáú (BFB Leasing S/A Arrendamento Mercantil) - foram doados à Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, através de um acordo intermediado pelo Ministério Público do Estado de São Paulo e com a participação da sociedade civil organizada.<sup>19</sup>

Através desse acordo o desdobro da área já foi realizado, consolidando três lotes distintos, um com 39.457,00 m<sup>2</sup>, que foi doado à Prefeitura Municipal, e os outros dois com cerca de 9.388,00 m<sup>2</sup>, e 58.361,00 m<sup>2</sup>, destinados a uma transportadora e a um empreendimento imobiliário.<sup>20</sup>

---

19 - Matarazzo e residiu por seis anos nas residências dos diretores.

20 - Participaram na assinatura desse acordo as seguintes entidades: Associação Cultural e Ecológica Pau-Brasil, Associação dos Moradores e Benfeitores do bairro Campos Elíseos, Associação dos amigos do Memorial da Classe Operária - UGT e ONG Vivacidade. Centro Cultural Cianê-Matarazzo .

A área de posse da prefeitura municipal, inclui os principais galpões originais, que foram tombados pelo CONPPAC em maio desse ano e deverão ser preservados e restaurados, conforme noticiado pela Secretaria Municipal da Cultura.

Hoje não restam nenhum dos 4.500 motores que funcionavam nos galpões da Fiação e Tecelagem. Esses foram retirados pelo proprietário desse maquinário - o Banco do Brasil - para serem leiloados como sucata.

Por ser construída na década de 40, a Fiação e Tecelagem revela algumas características de uma fábrica "moderna" ,<sup>22</sup>com edifícios de poucos pavimentos, sistema construtivo avançado e fachadas sem qualquer tratamento decorativo. Essa tipologia fabril pode ser vinculada a arquitetura modernista em processo de maturação no Brasil nessa época, ainda que de forma limitada. A fábrica é composta de três galpões principais e outros menores, com estrutura montada por vigas e pilares em concreto armado e vedação de tijolos cerâmicos. As plantas desses três galpões são simples e retangulares, de 150 metros de comprimento e 50 metros de largura. Dois deles possuem dois pavimentos (térreo e primeiro subsolo) e o outro três (térreo, primeiro e segundo subsolo), havendo ligações aéreas e subterrâneas entre eles. Existem poucos compartimentos fechados dentro dos galpões, formando uma grande planta livre, utilizada para a fixação das enormes máquinas. A carga produzida pela cobertura, no pavimento térreo, é sustentada por pilares distanciados uniformemente, já nos pavimentos inferiores - com pés direitos mais baixos e carga maior - vê-se a presença maciça e entremeada de pilares. As tesouras da cobertura são de madeira e há uso intensivo e em série de grandes janelas basculantes, embutidas de pilar a pilar nas laterais dos edifícios, formando longos panos de vidro, proporcionando, portanto boa ventilação e iluminação.

A arquitetura industrial da Fiação e Tecelagem é um referencial da paisagem pelo jogo complexo e único de racionalidade, articulações,

fluxos, planos, ritmos, seqüências e volumes. Esses atributos são resultado de sua ordenação espacial intrínseca à atividade produtiva. Outros elementos relevantes também resultantes do processo produtivo, seriam a caixa d'água, as estruturas de energia, iluminação, ventilação, passarelas, elevadores, circulações, pórticos, logotipos da empresa, posto médico e de assistência, a vila operária, a praça, entre outros. O conjunto dessas grandes e despojadas caixas de concreto reflete o caráter racional da complexa engrenagem do processo industrial, de escala abrupta que impõe no espaço um peso e monumentalidade de grande importância no tecido urbano.

É dessa perspectiva que se revela a qualidade desse patrimônio industrial e, é nesse sentido que devem ser resguardados, de forma cautelosa, os seus espaços, estruturas e elementos fabris representativos para que não haja distorções ou até um aniquilamento da memória valiosa dessa tecelagem - parte fundamental da história do Campos Elíseos e de Ribeirão Preto.

Diante dessas breves considerações, esse estudo buscou elucidar parte essencial de nossa herança industrial resgatando, com isso a importância histórica e cultural das indústrias Matarazzo para a memória e para o fortalecimento da identidade da população dessa cidade. Assim, esta obra apresenta-se inacabada e em constante processo de construção, buscando alegoricamente o fiar, o urdir e o tecer contexturas possíveis de parte da história da indústria têxtil de Ribeirão Preto.

22 - Se enquadram nesse conceito de fábrica "moderna" as indústrias instaladas a partir do início do século XX, no Estado de São Paulo, caracterizadas pela tecnologia construtiva do concreto armado, máquinas maiores e ágeis movidas a energia a vapor e elétrica e instaladas próximas aos centros urbanos, pela disponibilidade de mão-de-obra, de mercado consumidor e de malha ferroviária.

Diante dessas breves considerações, esse estudo buscou elucidar parte essencial de nossa herança industrial resgatando, com isso a importância histórica e cultural das indústrias Matarazzo para a memória e para o fortalecimento da identidade da população dessa cidade. Assim, esta obra apresenta-se inacabada e em constante processo de construção, buscando alegoricamente o fiar, o urdir e o tecer contexturas possíveis de parte da história da indústria têxtil de Ribeirão Preto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Rui Henrique Pereira Leite de. Capital Comercial, Indústria Têxtil e Produção Agrícola: as relações de produção na cotonicultura paulista 1920-1950. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- ANDRADE, Margarida Maria de. Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho. 1991. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- BALLEIRAS, Mary Helle Moda. Indústria e Habitação: arquitetura fabril no interior de São Paulo. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BARDA, Marisa. Espaço (meta)vernacular na cidade contemporânea. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BERGERON, Louis. Arqueologia industrial, pasado y presente. Revista de Historia Industrial, s.l., n.7, p.169-195, 1995.
- CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1998.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CERECEDA, Miguel Luis. Intervencion sobre el patrimonio industrial edificado con fines culturales. In: BARRIENTOS, Juan Carlos Jiménez e MAZÓN, José Manuel Pérez (coords.). Actas de las Primeras Jornadas Ibéricas del Patrimonio Industrial y la Obra Pública. Sevilha, Espanha: Consejería de Cultura y Medio Ambiente, 1994.
- CORDEIRO, José Lopes. Algumas questões para a salvaguarda do Patrimônio Industrial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA. 1., 1987, São Paulo. Anais... São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1987. 1v.
- COVINO, Renato. Archeologia Industriale in Italia: ambito disciplinare, termini cronologici. In: MORENO, Diego. Storia della cultura materiale. In: Quaderni Storici, s.l., n. 43, p.218-229, abril, 1980.



DEAN, Warren. A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de Arqueologia Industrial. In: ANAIS DE HISTÓRIA, 1976, Assis. Anais... São Paulo: Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, ano VIII, 1976.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. Indústria, trabalho e cotidiano. São Paulo: Atual, 1991.

EISNER, Will. Nova York: a vida na grande cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GAMA, Ruy. Engenho e tecnologia. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

\_\_\_\_\_. Aspectos da arqueologia industrial no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA. 1., 1988, São Paulo. Anais... São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. 2v.

GIANELLO, José Roberto. De Fábricas Reunidas Pamplona a Indústrias Reunidas F. Matarazzo (1916). Raízes, São Caetano do Sul, n.25, ano XIII, p.6-9, julho, 2002.

HERNÁNDEZ, Andrés Armando Sánchez. Teorías de la conservación y patrimonio industrial. Disponível em <<http://morgan.iiia.unam.mx/usr/Industrial/BOL%208/ARTICULOS/SANCHEZ.HTML>>. Acesso em: 8 abr. 2003.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Ministério da Cultura. Cartas Patrimoniais. Brasília,: IPHAN, Caderno de documentos n.3, 1995.

LEMOS, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

LIMA, Heitor Ferreira. Evolução industrial de São Paulo. São Paulo: Martins, 1954.

LIMA, Jorge da Cunha et al. Matarazzo 100 Anos. São Paulo: CL-A Comunicações S/C Ltda, 1982.

LLOYD, Reginald (ed). Impressões do Brasil no século XX: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.

LÓPEZ GARCIA, Mercedes. El concepto de patrimonio: el patrimonio industrial o la memoria del lugar. In: FERNANDEZ GARCIA, A.; ALVAREZ ARECES, M. A. (coord.). Arqueologia Industrial (monográfico) Ábaco Revista de Cultura y Ciências Sociales. Gijón, Espanha: Nova Época, n. 1, primavera, 1992.

LUCA, Tania Regina de. Indústria e trabalho na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 2001.

MANNING, Edgar; LUSO, João. Os Estados Unidos do Brasil: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Rio de Janeiro, São Paulo: The South American Intelligence, 1919.

MARTINS, José de S. Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1973.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Patrimônio Industrial e Política Cultural. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA, 1., 1988, São Paulo. Anais... São Paulo: Eletropaulo, Departamento de Patrimônio Histórico, 1988. 2v.

NEGRI, Barjas. Concentração e desconcentração Industrial em São Paulo, 1880-1990. Campinas: Unicamp, 1996.

PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira. A pauperização do homem do campo na lavoura de algodão (1940-1955). São Paulo: HVF Representações, 1993.

PIAZZA, M.F.; BARRETO, M. T. S.; SOUZA, S. R. S. A Fábrica de Pontas "Rita Maria": um estudo de arqueologia industrial. Florianópolis: UFSC, 1982.

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo e outras cidades. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. Quadro da arquitetura no Brasil. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Condições de trabalho na indústria têxtil paulista, 1870-1930. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1988.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RUST, Donald H. O Conde Matarazzo e sua obra. In: O Conde Matarazzo aos Oitenta Anos. s/l.: Typografia Pannon, 1934.

SAIA, Helena. Arquitetura e indústria: fábricas de tecido de algodão em São Paulo, 1869-1930. 1989. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1989.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Arqueologia Industrial: resgatando espaços de produção da Quarta Colônia de imigração italiana. In: ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA DO RIO GRANDE DO SUL, 7., 2003, Passo Fundo. Anais... Rio Grande S: Universidade de Passo Fundo, 2003. 1CD-ROM.

SCHRADER, Catherine Wiechert. Revitalização das Indústrias Francisco Matarazzo. 1999. Monografia (Conclusão do curso de Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1999.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Álbum F. Matarazzo e Cia. São Paulo: s/ed., 1904 a 1906.

SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. 8. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1995.

SIMONSEN, Roberto C. Evolução industrial do Brasil. São Paulo: Nacional/Edusp, 1973.

SUZIGAN, Wilson. Indústria brasileira: origem e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 2000.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. Intervenção na fábrica têxtil Matarazzo. 1999. Trabalho Final de Graduação (Conclusão do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 1999.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. As indústrias e a habitação operária da família Matarazzo na cidade de Ribeirão Preto - SP - Brasil. In: COLOQUIO LATINOAMERICANO SOBRE RESCATE Y PRESERVACIÓN DEL PATRIMONIO INDUSTRIAL. 3., 2001, Santiago de Chile. Anais... Chile: Centro para la Conservación del Patrimonio Arquitectónico Latinoamericano - CONPAL-Chile, 2001.

#### Diversos

Agenda Matarazzo. s/l.: s/ed., 1930 e 1931.

In Memoriam. São Paulo: Graphica Orlandi, s/d.

São Paulo e seus homens no Centenário. São Paulo: Piratininga, 1922.

Siamo Tutti Oriundi!: a presença italiana no Brasil. São Paulo: Parmalat, 1996.





PREFEITURA DA CIDADE  
**RIBEIRÃO PRETO**  
*faz nossa vida acontecer*



**SECRETARIA  
MUNICIPAL  
DA CULTURA**



**2010**  
**ANO DA**  
**CULTURA**  
EM RIBEIRÃO PRETO  
CAPITAL BRASILEIRA DA CULTURA